

Afonso Kassow Tolentino Scliar

Trans-lado: arte educação nas fronteiras da escola e do gênero

Monografia apresentada como requisito
para obtenção do título de Licenciado em
Artes Visuais pela Escola de Belas Artes da
Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Prof. Rosvita Kolb

**Belo Horizonte
Julho de 2018**

Agradecimentos

Seria impossível dar ao mundo este texto sem antes agradecer àqueles que o tornaram possível.

Agradecer às **travestis e mulheres trans** que, mais que Geni, mantêm abertas as sendas da sua vida resistindo às investidas que buscam suplantá-las pelo invisível;

Agradecer ao **Tomás German**, cujo convite à transformação do real se frutifica agora neste humilde registro, testemunha do seu vasto mundo que tenho a honra de partilhar;

Agradecer à **Daniela Maura**, que primeiro me acolheu em sua orientação luminosa e que me guiou por tantos e tamanhos percalços;

Agradecer à **Rosvita Kolb**, de coração imensurável, cuja orientação foi como a mão que se estende no momento de sufoco e que ata asas para um voo de liberdade;

Agradecer à **Juliana Palhares**, pela atenciosidade na leitura e presença do processo à banca;

Agradecer à **Nádyá Fernandes**, à **Sthephany Magalhães**, à **Brenda Maia** e à **Jullie Utsch**, amigadas que me abraçaram e pacientemente suportaram em um tempo de intempérie.

Agradecer aos caminhos abertos nestes dois anos de percurso, **Laroyê!**

Introdução	5
A fresta aberta	7
projetar-se: a narrativa	20
território, identidade e memória.	31
Relatórios	42
Refletindo sobre a prática	73
Conclusão	81
Referências	89

Introdução

De julho de 2017 a julho de 2018, participei de uma experiência que efetivamente mudou minha vida. Essa experiência foi o projeto *Trans-lado, narrativas trans: identidades, territórios e memórias de travestis e mulheres trans da Avenida Pedro II*. Este é um projeto que surge da inquietação, a princípio, de vizinhos: moradores e transeuntes da Avenida Pedro II, que recorta a região noroeste de Belo Horizonte. Seja caminhando para ir à feira, à academia ou voltando da escola, a sensação de tangenciar uma dimensão de vida escondida da maior parte das pessoas é notável – a dimensão daquelas mulheres que só vivem a noite, cuja socialização é o isolamento e cujas histórias desconhecemos: as mulheres trans e travestis, que ali residem e se prostituem.

Esta monografia se oferece como uma tentativa de compreensão da polissemia que foi o *Trans-lado*. Para isso, primeiro, parte da análise da

minha própria narrativa, para meu sentimento de familiaridade e pertencimento àquele território pelo qual transitei por muitos anos. Reviso o episódio que foi meu primeiro contato com uma travesti e como este contato – cujo benefício ou malefício fica a cargo do leitor interpretar – abriu uma senda na minha percepção do mundo que jamais tornaria a se fechar.

A pesquisa ainda apresenta as ementas e os relatórios dos encontros, onde se pode observar as ações pretendidas pelo projeto, sua variação e objetivos. Para analisá-las e conseguir criar uma reflexão a partir delas, uma série de autores foi mobilizada, como Walter Benjamin (1987), Christine Delory-Momberger (2008; 2012), Paulo Freire (2005) e Maria da Glória Gohn (2006). Com isso, abre-se a discussão sobre o papel da narrativa dentro da educação, das formas que se configura, do papel que exerce

enquanto projeto de si e na transformação social. Articulada enquanto prática educativa, como ateliê biográfico de projeto, seu lugar de execução é a educação não-formal, cujas características ajudam a compreender as particularidades do *Trans-lado*. Por fim, observa-se como o objetivo central do projeto é a chave central para sua compreensão, mais que perspectivas pedagógicas delimitadas, a saber: a superação da opressão heteronormativa sobre as mulheres trans e travestis que oblitera suas narrativas e as relega à abjeção da sociedade.



A fresta aberta

O bairro Caiçara, da cidade de Belo Horizonte, é, como tantos outros desse município de gracioso nome, um bairro cuja história é como uma colcha de multiplicidades. Uma história cuja oficialidade baila como a intimidade das conversas à beira do portão, das estórias narradas sob os galhos de mangueira.

tudo azul e orgânico. tudo mais céu e mar. tudo no firmamento é peixe, alga ou estrela - ou cabelo de nereida. ainda [carece de fontes] que o firmamento seja aquele de andar com a ponta dos dedos, de indicar a lua com aponta dos pés. 08 de outubro às 16:54 (e de repente o mundo liquefaz) (Aforismo de um outro eu, sete anos atrás, deitado olhando por sob a mangueira. “Dreams” ou Do maldizer à proatividade;, Joyeux anniversaire, Tristesse. Entrada de blog. Publicação em 15 de outubro de 2011. Último acesso em 09/05/2018. Disponível em: <http://bonjourlebonheur.blogspot.com.br/2011/10/>

[dreams-ou-do-maldizer-proatividade.html](#).)

Tão colcha de multiplicidades, o próprio bairro carrega no nome a querela que o define: Caiçara ou Caiçaras? Entre o singular e o plural, todas as redes de etimologia trançam as possíveis rotas de origem e destino do itinerário dos seus batismos:

- “caiçara tem origem no vocábulo Tupi-Guarani *caá-içara*, que era utilizado para denominar as estacas colocadas em torno das tabas ou aldeias, e o curral feito de galhas de árvores fincados na água para cercar o peixe.” (Caiçara, Wikipédia. Último acesso em 10/05/2018. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Cai%C3%A7ara>); assim, aqui, teríamos aqui um bairro-cerca habitado por crianças-peixes, pivetes-anfíbios e donas-nereidas. Ou, ainda:

- “o termo caiçara é uma denominação local para aquelas comunidades e indivíduos

flâneur

flanoer

nome masculino

1. *popular* flainador, passeante, polidor de calçadas
2. ocioso, vadio

que vivem ao longo do litoral dos Estados de São Paulo, Paraná e Rio de Janeiro. A comunidade caiçara é formada pela mescla de populações indígenas, colonos portugueses e negros. Muitas práticas agrícolas (coivara) e de pesca (puça), assim como a preparação de alimentos (farinha, peixe) apresentam marcante influência indígena. ” (idem); destarte, temos uma população geograficamente distante, mas muito próxima antropologicamente: miscigenados, caipiras dados ao solo e ao cultivo da mandioca, mas com inegável maresia na saudade da alma.

Um bairro em parte labirinto, mas não labirinto mítico, helênico, de se trancar e ousar encontrar a saída (com um novilho de lã, tecelagem da história); antes, um labirinto de própria história, onde se perde feito em um conto de Jorge Luís Borges, aprazivelmente e à vontade – feito brincadeira de esconde-

esconde, pega-pega, toca-toca a campainha do vizinho e corre!

Um bairro em parte o não-dito, o não-lugar, o “carece de fontes” tão típico de quem vive no entre, ou na margem: o cafuzo, o cafuçú, o moreno, o pardo e – como se diz, até hoje – o infrutífero mulato. Um lugar que faz pensar: por que aqui não há, ainda, história escrita, dada tanta história contada e a se perder – de vista lida, ou de vista olhada.

Não por menos, entre tantas perdas, acerto meu seria me perder e devanear entre ruas e praças, muitas subidas para tantas descidas, colecionando histórias agregadas às esquinas como o orvalho à folha. Talvez por retomar a infância do ser gente, um nomadismo juvenil corria apressado pelas minhas pernas – ou, numa observação mais refinada, diria ser um próprio flaneurismo latente *avant la lettre*, no caso, antes do *vir-a-ser* da leitura, sua

Brenda: **Você gosta de mexer mais com o quê? Pintura, com argila ou essas coisas assim?**

Babi: **Com pintura.**

Brenda: **É o que você mais gosta? É menina eu sei fazer uma _inaudível_ babado.**

Babi: **Nunca tentei.**

Brenda: **Sério?**

Terceira oficina na Casa das Prado - Falas transcritas

significação e existência na vivência.

Talvez, pelo próprio bairro pulsar com um ritmo de vida distinto do da apressada modernidade, onde os passeios, o deixar-se estar pelas ruas e esquinas, imbuísse os próprios moradores com uma urgência de derivar pelas portas e calçadas vizinhas, pelas conversas de janela ou portal, de cadeira ou degrau de calçada.

Teria Baudelaire visto também o flaneur do subúrbio, teria Benjamin pensado também um flaneur anti-moderno? Ironicamente, tão afim à multidão agitada e à vertigem moderna, o flaneur ainda consegue a pecha de “ocioso, vadio” pelos dicionários, reflexo, talvez, da nossa modernidade latina que importava prescrições anglo europeias para os “males pecados” do pós-Ecuador.

Dessa época, ficaram as lembranças de uma época mais pacata, muitos terrenos baldios, crianças brincando nas ruas (algumas ainda

de terra) e vizinhos conversando nas calçadas. O bairro se parecia com uma pequena cidade de interior onde os moradores se conheciam, sabiam da origem de cada um, se confraternizavam. Era uma grande família. Grande parte desses moradores ainda reside no bairro. Criaram seus filhos(as), que se casaram com filhos(as) de vizinhos, e continuam morando no bairro e preservando a história. (CAIÇARA, Wikipédia, página da Web. Data de criação da página: 02h36min de 28 de maio de 2006. Última edição: 20h29min de 20 de fevereiro de 2018. Último acesso em 09/05/2018.)

Qual seja a forma que fosse, o certo é que nos dávamos asas nos pés: nas brincadeiras infantis, nas brincadeiras juvenis, nas gangues adolescentes, nos rolês de skate – o bairro parecia macaquear a topografia mineira, pondo a riqueza da sua vida social imiscuída

Babi: **Sério. Nunca tentei.**
Brenda: **Mas tipo assim, você olha pra gente e você consegue fazer a gente, olhando? (...) inaudível**
Babi: **É muito estudo né.**
Brenda: **É estudo...**
Babi: **É mais estudo que dom. Eu particularmente não**

por entre as subidas e descidas, indiferentes às bordas limítrofes de bairro e bairro. Assim, as únicas reais fronteiras eram aquelas das “supervias”: os grandes corredores de tráfego, que arrastavam consigo todos os veículos forasteiros – e, mais tarde veremos, também todos os “vilões” do bairro, esses que, ainda etimologicamente, carregam a mácula de ser figuras à parte, à deriva, fora de qualquer cercado, de qualquer caiçara. O fora do bairro exercia simultaneamente atração e repulsão: feito uma membrana, atraía e afastava, maravilhava e amedrontava. O fora do bairro era o cosmopolita, onde encontraríamos todo o mundo e teríamos uma experiência cosmopolita, uma experiência de anonimato, de poder ver e ser visto sem ser reconhecido, uma liberdade dos atos antes não conhecida – de certa forma, uma experiência de modernidade. Já no bairro não havia cultura, não havia

grandes atrações – à exceção do Shopping Del Rey e dos demais estabelecimentos que atraíam os demais conterrâneos que, feito estrangeiros, habitualmente nos miravam (a nós, crianças semi-descalças e mal vestidas que vagávamos clandestinamente por essas “zonas livres”) com um misto de curiosidade e estupefação – nem grandes escolas. Lembro-me vividamente das ameaças da minha mãe, quando voltava com o boletim vermelho: “vou te matricular no Caio Nelson”! No caso, devo informar que, exceto no quinto e no sexto anos, sempre estudei fora do bairro, em estabelecimentos grandiosos que, no passado recente, haviam sido casa de barões (respectivamente, as escolas Barão do Rio Branco e Barão de Macaúbas).

As bordas do bairro eram o território dos estranhos, dos desconhecidos, dos desajustados. Daqueles que estavam sempre às íntimas com grupos estranhos à grande família da rua, da

acredito em dom não, sabe?

Brenda: **Eu acredito...a pessoa tem que gostar.**

Babi: **Ah mas se você gostar é só você estudar e acho que assim...**

Brenda: **Então você acha que a pessoa não nasce com esse instinto? Por exemplo, se eu quero desenhar, por exemplo assim, a Brenda. Eu vou e desenho um círculo.**

vizinhança. Como se forma uma comunidade? De qualquer forma, dessa íntima comunhão não participavam essas pessoas – que, ao contrário, pareciam agentes do seu desenlace, associados com todos os tabus que mantinham coesa a comunidade. Quer fossem ou não agentes, certo é que essas pessoas vivenciavam o bairro, a cidade e o mundo de maneira completamente outra que a nossa. Isso certamente as tornava outras aos olhos daqueles que temiam essa outra forma de viver – viam essas pessoas como as que estão para as ruas e para os carros, como as dadas ao que é ilegal e imoral, como aquelas sem identidade e sem identificação – como os cães vadios.

O cão vadio está para a rua como a nau à deriva – vai no sentido daquilo que o atrai, sem resistências. Os cães vadios são o reflexo dos seus donos: nulos, ausentes; vê-se um e logo se está a perguntar “de quem é?”, “como

se chama?”, “não tem família?”. É como uma onda, um acontecimento: logo se quebrará e não perdurará na memória de ninguém. Não participam da história, pois não tem télos. Mas somente os cães vadios vivenciam a rua com toda sua potência de ser. Não somente estão para a rua, mas como fazem e são a rua, mergulhando em seu fenômeno e explorando tudo aquilo que a comunidade não quer ser: a alteridade. A rua não é segurança, não é propriedade e nem domicílio. Mesmo aqueles que nela residem estão sujeitos em alguma medida à sua condição de lugar de passagem. E, por ventura, é urgente ser como um cão vadio. Desde muito cedo, a escolarização na minha vida foi uma experiência de me deslocar. As escolas em que estudei, salvo poucas exceções, sempre foram distantes da minha casa, em outros bairros. Quando muito jovem, a ida e vinda era ditada pelo tempo e meio da

Babi: **eu acho assim, que a gente nasce predisposta a gostar de uma coisa ou outra. Tem gente que nasce mais predisposto a gostar de música. Outras pessoas de teatro...**
Brenda: **Então você acha que todo ser humano nasce com o dom de arte? Com um toquezinho de arte? Todo mundo gosta de alguma coisa...**
Babi: **Eu acho.**
José: **o negócio é você conseguir ter espaço pra conseguir**

van escolar, que me buscava em casa e me deixava na escola. Ainda posso me lembrar da inexorável experiência de passar pelos arcos do Viaduto Santa Tereza, anunciando, para meu mal humor, que era inevitável ir à escola. Ao final do Ensino Fundamental I, comecei a estudar em uma escola particular perto de casa, o que inaugurou uma significativa mudança – agora o ato de ir à escola tinha uma concretude inexistente até então (em parte devido ao sono que me acometia enquanto era transportado). No ano seguinte, com maior autonomia, estudando mais longe de casa, em outra escola, isso se exacerbou. Nesse ano, eu havia praticamente voltado a estudar em um bairro diferente, o que me permitiu começar a aguçar a minha observação dos ambientes pelos quais passava para chegar à escola – casas mais ou menos humildes que a minha, ruas mais arborizadas, menos urbanizadas, passantes

mais ou menos distintos com as pessoas que eu reconhecia entre as conterrâneas e mesmo encontros ocasionais, cuja significação eu ainda hoje tardo em compreender.

Quando na sétima série, pela primeira vez o caminho rumo à aula tomou uma configuração de agência – agora, a escola não era mais próxima o suficiente para ir a pé, mas já não havia recursos na renda familiar que arcassem com uma van escolar. Por isso, ir de ônibus era a única opção, cabendo somente a mim os riscos e responsabilidades disso – eu poderia, muito bem, descer onde e quando quisesse, o caminho era decisão minha, assim como a frequência. A princípio, sentia-me imerso em outra realidade, como houvesse embarcado num cruzeiro cheio de desconhecidos.

Rapidamente, porém, as relações que cultivava no bairro tomaram carona comigo e com todos os colegas de escola que eram conterrâneos,

Brenda: Tá, mas eu acho tipo assim, por exemplo. Eu acho que a gente todo mundo tem um dom de criar alguma coisa. De ter assim alguma coisa, faz parte da gente. E nossas loucuras e criações Só que assim, no seu caso você faz uma arte. Você tem sua criação. Para você, é uma coisa. Mas você criar para expor é outra. Então você assim...uma

de certa forma criando uma conexão entre escola-bairro e reconfigurando os vínculos que teceria naquela nova escola - o bully do ônibus logo me respeitaria, afinal, meu irmão cultivava má fama no bairro. À época, por cursar Teatro Infanto-Juvenil no CEFART do Palácio das Artes, eu transitava pela região central-sul da cidade, aguçando ainda mais minha sensibilidade para o espaço e permitindo longos caminhos de reflexão sobre mim mesmo, meu lugar no mundo e as configurações e contradições desse vasto e ambíguo mundo. No Ensino Médio, esse hábito de locomoção pelo modal do ônibus já havia se estabelecido e enraizado no meu dia a dia. O que antes era novidade, agora era enfado. As experiências de transitar pela cidade me haviam despertado para uma ação que, à época, sequer tinha nome para mim: o flunar. De certa forma, vadiar feito um cão, sem dono, sem tempo ou compasso,

era cada vez mais urgente. Assim eu pensava frente a rotina diária de locomoção pendular - embarcar no ônibus ao amanhecer, imergir na escola isolada do arredor durante todo o turno para, então, mortificar-me no ponto aguardando o coletivo. Apesar da comodidade e da segurança, estar obrigatoriamente atado àquela única forma de ir e vir, àquele suplício que se mostrava tão material frente às condições econômicas do meu lar, era insuportável. Não deixava de me rondar a possibilidade de existência de uma conexão, um caminho, um atalho entre a escola e a casa. As preocupações e receios também marcavam sua presença: e se me atrasar? E se o chão for por demais extenso? E se me encontrar com todos aqueles vilões pelo caminho? Ainda assim eu fui, inaugurando um período de nomadismo, exploração e encontros com o desconhecido. O primeiro encontro se fez

peessoa pra criar igual você que cria, expõe, mostra... mostra seu trabalho. É sinal que você confia muito em você. A confiança é sua, né? E segundo a confiança que as pessoas vão gostar daquilo que você faz. A mesma coisa com os nossos programas. A gente tem que que confiar no taco da gente, por que aí vamo conseguir agradar aquelas pessoas que tão na rua. Quer dizer, quando você consegue agradar aquelas pessoas que tão na rua, que olham pra você e

com as divisas da cidade: percebendo que, atravessar uma avenida, no caso, a Avenida do Contorno, uma nova configuração de urbanidade se apresentava – verticalizada, com largas avenidas arborizadas, arquiteturas despojadas e modernas; tudo que não havia no bairro familiar. Não me esqueço, até hoje, da surpresa em, após subir uma estranha rampa em formato de espiral, na altura de uma passarela bamboleante, senti-me surpreendido pela novidade do metrô e sua estação, cuja modernidade fulgurante na passagem limite de bairro e cidade parecia coberta de uma própria pátina de passado. Após passar pela tal estação, a mudança de paisagem era abrupta e notável: o bairro Carlos Prates não deixava de passar alguma impressão bucólica e peculiar, com o cemitério do Bonfim às vistas, através do vale entre os dois morros. Distante das lápides e mausoléus, eu seguia uma longa rua, margeada

por pequenas casas e comércios, adornados com uma inconfundível estética suburbana, dos muros de pintura colorida apagada, coberta por pichações e desgastes, entremeadas de comércios com suas portas de enrolar. Sob as árvores, vez ou outra – com receio e medo, admito – encontrava outros estudantes, de uniforme incógnito, cuja escola, evidentemente nas redondezas, eu me questionava onde se situava. Logo descobriria, estupefato, que no deságue do morro com a avenida, ao lado daquele assustador Elevado Castelo Branco (que agora atende por Elevado Dona Helena Greco), havia uma escola. Na margem daquele bairro, sujeitos à margem da minha noção do mundo, passavam de lá para cá na margem da existência. O contato e o confronto se faria sentir. Agora na avenida caudalosa, feito um Gargântua, a vida parecia acelerar e demandar rapidez. O estranhamento se fazia sentir

**enxergam você, ali é como se fosse um trabalho assim...
reconhecido. Entendeu?**

Babi: **uhum...**

Brenda: **Por que nós começamos a fazer arte desde cedo.**

Pinta nossa cara...

Babi: **É a primeira vez que a gente...**

José: **a obra é você mesmo né?**

Brenda: **A obra é você mesmo. Esculpindo você mesma.**



com edificações, domicílios que pareciam fora de lugar.

Um desses domicílios, um pequeno prédio de esquina, com janelas basculantes espremidas e translúcidas, cujas cortinas sempre entremeavam uma pequena abertura para um mundo íntimo que só cabia à minha imaginação vislumbrar, dividia-se na latitude dos seus dois andares entre bar, ao térreo, e residência, ali por sobre. Acostumado àquela visão, é verdadeiro que logo a paisagem se tornaria cenografia a mim e aos amigos que me acompanhavam eventualmente na andança – repartindo confidências, gostos e refeições custeadas pelo custo economizado do transporte. O que esperar de adolescentes surpreendidos por uma súbita aparição no cenário da sua vida, a dizer que o espaço em que transitavam não era, na verdade, unidimensional? Digo da primeira vez que me ocorreu tal fenômeno: voltando para

casa, sozinho e imerso nas reflexões acerca o ponto de partida – a escola, o conteúdo e os colegas –, o caminho (o mundo, com sua pluralidade de pessoas, comportamentos e significados) e o destino (a casa, as brigas familiares e a vacilação do sentimento de pertencimento), aquele domicílio de esquina que sempre me chamara a atenção pelas suas cortinas sempre cerradas, agora revelava o palco descortinado para mim – e a protagonista ali presente, observando da sua altura inquisidora, devolvia-me o olhar feito a figura que quebra a quarta parede; verdadeiramente, seria minha primeira experiência de uma Maja Desnuda ou de uma Olympia, carregada de androgenia e daquela estética da vida domiciliar, onde a escassez parece se confundir com o ordinário e aparecemos com um amálgama de objetos testemunhas (trapos velhos, utensílios de beleza, uma bijuteria

**Por isso que os excessos de arte destrói. Igual todo mundo.
(inaudível).**

José: **E vocês gostam de alguma coisa assim, tipo música...**

Brenda: **Eu adoro, uma das coisas que eu gosto mais...**

Paloma: **Adoro música assim, o melhor do flash back.**

José: **Acho que as meninas comentaram que tinham uns negócios lá em cima, quando a gente foi lá, das coisas que foi você que fez né? Mas o que? Você gosta de colar? Você**

que adorna pelo pro forme). Evidentemente, minha primeira e imediata reação foi desviar o olhar. Alguns dias a seguir, nessa rota marcada que trilhávamos, repetiu-se o fenômeno, dessa vez para todo o grupo de colegas que se acompanhavam. Assim, com esse estranho espírito coletivo que assume os jovens que se reúnem e desbravam o mundo, a reação explosiva e arrogantemente juvenil de um deles foi, assomado ao olhar explicitado pela cabeça erguida fitando o segundo andar, apontar para aquela figura encastelada e bradar: “ – Olha o traveco!”. Congelados pela súbita intromissão do colega àquela outra dimensão do espaço que nos parecia tão anterior e inacessível a nós, titubeávamos entre censurar a estupidez do colega, seguir apressadamente o caminho e tornar o olhar ansioso pela reação da torre da esquina. Aqui, devo explicitar que o terreno da memória pode ser irregular e,

aqui, um ou outro ponto pode ser aumentado despercebidamente. De qualquer forma, resolvendo nossa indecisão por nós, a reação da figura foi um projétil arremessado em nossa direção, acompanhado por estranhas palavras a nós proferidas e que, para nossa incompreensão, imagino que tenham sido algo como “– Erê uó, desaqueuda daqui, desaqueuda!”¹. Entre condenações ao colega incauto e as justificativas desse, estávamos certo que, agora, na trilha que seguíamos, agora um nó nos atava àquela dimensão que temíamos e espreitávamos – e não fazíamos ideia de como se desenrolaria. No dia seguinte, apreensivos, resolvemos seguir o caminho para casa. Agora,

¹Erê: “criança” em yorubá; uó: ruim; desaqueudar: sair, largar, resolver. As gírias utilizadas pela comunidade LGBT, particularmente pelas travestis, são extensas e polissêmicas. Alguns trabalhos tentam as reunir e apresentar significados convencionais, como o dicionário Aurélia de Vítor Schippe.

gosta de artesanato?

Brenda: **Mas na verdade , na verdade eu gosto de argila.**

José: **Argila? Mexer na...
(inaudível). (...) fim desse papo.**

José: **Tá toda organizadinha a linha do tempo dela.**

Babi: **Ela é virginiana né..**

Paloma: **Ela é virgem.**

Nicole: **A reta certinha feita no livro.**

já tínhamos um encontro certo pelo caminho com aquela figura que a partir de então nos devolvia o olhar, comunicava-se conosco e tinha um nome: a travesti da Pedro II. Seguimos então para casa, crendo que um bando de adolescentes irresponsáveis não seria grande afetação para ela, que certamente devia estar habituada a esse tipo de tratamento e não se daria o trabalho de buscar satisfações conosco – nos fiávamos nesse autoconvencimento, enquanto o autor da ofensa estava muito convencido (intimamente, é claro) do seu ato e, por isso, não voltou com o grupo. Chegando à marcante esquina, não fomos recebidos por ninguém, como seríamos por uma turba enfurecida em nossa imaginação, nem sequer notamos nada fora da rotina. Afinal de contas, ainda que pautada pela liberdade do ir e vir, pelo azar ou sorte dos eventos que poderiam nos suceder durante o percurso ou pelo bel

prazer da nossa vontade de mudança, a volta para casa ainda era pautada pelos horários da escola: só voltávamos com o findar da aula e, salvo exceções, nosso tempo de caminhada era razoavelmente constante. Aliviados, seguimos adiante na avenida rasgante e movimentada, cheia de tráfego e transeuntes, semáforos e estabelecimentos. Mal respiramos o ar diferente, estávamos sendo acoçados! A “travesti da Pedro II” vinha enfurecidamente em nosso encalço, não digo correndo, mas num caminhar agilíssimo que só perdia em velocidade aos maldizeres que lançava contra nós. Fomos postos para correr, literalmente, sob o olhar estupefato de todos que estavam ao nosso redor. Infelizmente, não carrego na memória muitos detalhes sobre essa pessoa que em sua justa fúria nos alcançava, somente posso dizer que nos ultrapassava bastante em altura – particularmente pelo comprimento

Brenda: **De quem?**
José: **Da Nicole.**
Brenda: **(...) inaudível.**
Paloma: **E a letra da pititinha é bonitinha.**
Nicole: **Sem pesar minha (...) Depois começo a escrever tudo torto, esse olho grande demais.**

das pernas, como demonstrava seu caminhar ágil que punha à modéstia o nosso correr tímido. Com o peso do olhar censurador do público, que parecia gravar impecavelmente cada impropério que recebíamos, fomos o quão longe pudemos na avenida sem ser pegos, enquanto tentávamos vociferar que não fomos nós a insultá-la a começo de conversa e, dada a primeira oportunidade, corremos para cruzar a correnteza automobilística para a outra margem da via.

Efetivamente despistamos aquela mulher, aquela pessoa a quem não nos cabia julgar ou apreender, mas a senda que ela abria em nossas vidas jamais se fecharia novamente. Desde então, esse episódio passou a marcar a minha vida e a narrativa que faço desta, encontrando um momento para ser compartilhado a cada momento em que vasculho minhas memórias da adolescência.

A curiosidade sobre essa dimensão da vida desse espaço pelo qual eu transitava nunca mais cessou, assim como essas pessoas com as quais tive um contato tão breve, complexo e conturbado, jamais voltaram à invisibilidade – isto é, inexistência – que um dia se afigurava a mim.

Por tudo isso acima relatado, foi com grande surpresa que, em 2015, escutei pela primeira vez os germes da ideia do projeto *Trans-lado*, narrativas trans: identidades, territórios e memórias de travestis e mulheres trans da Avenida Pedro II de um conterrâneo de bairro, o comunicólogo Tomás German. Seria instaurada, a partir de então, uma interface única, na qual a distância entre aquela narrativa constituinte da minha memória e a narrativa daquela que havia sido a “outra”, a alteridade da minha história, seria

abolida, apagando toda a “aura”² que antes circundava essas pessoas – mas não através da sua reprodução. Pela primeira vez em longos anos eu revisitaria essa senda aberta na adolescência, tocando novamente essa dimensão tão distante como aquela janela continuamente cerrada – mas cuja cortina jamais encerrava totalmente a breve fresta aberta.

²“Em suma, o que é a aura? É uma figura singular, composta de elementos espaciais e temporais: a aparição única de uma coisa distante, por mais perto que ela esteja.” (BENJAMIN, p. 170)



projetar-se: a narrativa

Para apreendermos o que seria o projeto *Trans-lado*, era necessários que buscássemos conhecer melhor essa dimensão da vida à qual almejávamos nos conectar. Essa não deveria ser uma tarefa difícil, afinal, vivemos na chamada Era das Informações. Portanto, logo nos pusemos a pesquisar entre os diferentes meios nos quais talvez encontraríamos os primeiros fios que nos atariam às travestis e ao seu distante mundo íntimo. Estupefatos, porém, veríamos que, na verdade, o resultado recolhido era parco e estranhamente incompleto. Por algum tempo não entendemos o porquê disso, questionávamos a nós mesmos se estávamos fazendo uma pesquisa adequada ou se não deixávamos algo passar – não sabíamos bem o que, mas aquelas informações não pareciam nos mostrar verdadeiramente a dimensão que buscávamos: a da vida daquelas mulheres, a sua origem, quando e de onde tinham vindo, ou se

eram daqui, como havia sido e como tem sido suas vidas, o que querem e para onde vão, o que receiam e para onde não querem ir.

Em suma, gostaríamos de apreender sua experiência, uma urgência que só a empatia pode propiciar e permitir ser – limitadamente – encerrada. Pouco a pouco, passamos a entender que, na verdade, à informação, a experiência não era essencial. Em verdade, à medida que buscamos os meios de informação, mais e mais nos deparávamos com aquilo que já nos era comum: a superficialidade de uma visão que, mascarando o desinteresse e a abjeção, retratava as travestis não como pessoas íntegras (isto é, com uma história, com desejos, sonhos e medos), mas como personagens exóticos e particulares à coluna policial ou ao quadro cômico. Posteriormente, buscando referências que balizassem nossa compreensão difusa da experiência rica e múltipla que foi o *Trans-lado*,

Afonso: **E você acha que marcou muito essa experiência na escola, de perseguição, tipo, você foi até o final do ensino médio e tal ou você parou antes?**

Evelyn: **Não...Eu parei antes, mas na verdade o que me fez parar foi... marcar eu não acredito que tenha marcado, eu sinto muita falta de voltar pro colégio e tal. Mas na verdade o que me incomodava muito era tipo assim, você um exemplo, no meio de um tanto de pessoa...Lógico, tem**

Terceira oficina na Casa das Prado - Falas transcritas

finalmente alcançamos aquilo que explicaria a fundamental distinção que acabaria por dar o rumo da nossa prática: a distinção entre narrativa e informação:

O romance, cujos primórdios remontam à Antiguidade, precisou de centenas de anos para encontrar, na burguesia ascendente, os elementos favoráveis a seu florescimento. Quando esses elementos surgiram, a narrativa começou pouco a pouco a tornar-se arcaica; sem dúvida, ela se apropriou, de múltiplas formas, do novo conteúdo, mas não foi determinada verdadeiramente por ele. Por outro lado, verificamos que com a consolidação da burguesia – da qual a imprensa, no alto capitalismo, é um dos instrumentos mais importantes – destacou-se uma forma de comunicação que, por mais antigas que fossem suas origens, nunca havia influenciado decisivamente a forma épica. Agora ela exerce

essa influência. Ela é tão estranha à narrativa como o romance, mas é mais ameaçadora e, de resto, provoca uma crise no próprio romance. Essa nova forma de comunicação é a informação. (BENJAMIN, 1987, vp. 202)

Nós buscávamos a narrativa dentro da informação, enquanto onde uma se instaura, a outra tende a se esvanecer. Enquanto procurávamos apreender a riqueza da experiência, a própria inapreensibilidade da ambiguidade e a familiaridade do ordinário, o que encontrávamos era a plausibilidade e a simplicidade autoexplicativa da informação, incompatíveis com o espírito da narrativa (BENJAMIN, 1987). A informação, afinal, está intimamente ligada à novidade nos meios de comunicação. Ela importa na medida em que é nova, sendo sua relevância pautada ou construída de acordo com o contexto – como comenta Benjamin (1987), ao notar que os

outras pessoas igual a mim que não se identificam. Mas eu falo assim, é, a gente chegar num lugar que é o meio hétero, né? Vamos dizer assim, é um meio de pessoas hétero, de pessoas normais. Longe de prostituição e de trans, essas coisas. Então é difícil você... você falar que tem interesse em um amigo, que você tá sentindo atração pro alguém do colégio, por que se um homem...se um menino normal se interessar por uma amiga normal, ok. Por que se um gay, por que no caso na época eu era um corpo

leitores de certo jornal se importam mais com o incêndio de uma casa próxima que com a guerra que acontece em outro país. Esse é um dos pontos centrais de diferença em relação à narrativa: ela é, em suma, inexplicável e sempre reatualizada. Devido à sua inapreensibilidade, sempre novas interpretações surgem – o que pode estar ligado à sua origem nos contos populares e folclóricos, nos casos milagrosos e na experiência passada de geração em geração. Resumindo, a narrativa é íntima da ambiguidade da vida. O meio de comunicação, com seu apreço pela racionalidade da informação (que faz todo sentido, quando pensamos nas complicações que a ambiguidade acarretaria na simplicidade autoexplicativa), tem ele mesmo uma técnica industrial de atender o fluxo contínuo de novidade que mantém a informação fresca. Do outro lado, a narrativa é uma comunicação

dada à contínua busca e confirmação do significado (ou, então, da perda e dissidência desse); por isso, a narrativa é tão própria à troca de experiência, à conversa próxima, à acomodação do ouvinte ao lado do confidente – por isso, Benjamin (1987) a verá como uma forma artesanal de comunicação:

A narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio de artesão – no campo, no mar e na cidade – é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o “puro em si” da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso. Os narradores gostam de começar sua história com uma descrição das circunstâncias em que foram informados dos fatos que vão

de homem né.. e no meu caso apaixonar por um amigo? Como eu vou chegar e expor aquele sentimento? Então... Então era muito marcado em questão disso, entendeu? Tipo assim, de convivência, de querer ser algo que eu não podia ser. Entendeu? Ter que manter uma aparência pra manter um padrão que as pessoas impuseram de uma certa forma. Mas agora em questão de trauma, assim, não tem não. No colégio não. Até por que, como eu te falei, eu não dei continuidade também. Por que eu conheci

contar a seguir, a menos que prefiram atribuir essa história a uma experiência autobiográfica. (BENJAMIN, 1987, p. 205).

Logo, o que faltava na miríade de informações que nos chegavam era essa própria “mão do oleiro na argila do vaso”, a presença das travestis nessas histórias que, em vez de as representar, tornando o seu mundo mais visível e próximo, na verdade as invisibiliza, gerando um duplo falso que conta suas histórias por elas. Todavia, analisando mais abertamente a especificidade e o modus operandi dos meios de informação, observaremos que ele, em grande medida, são inaptos a assumir a função da narrativa. Enquanto a informação está desvinculada da experiência, a narrativa é propriamente embasada na faculdade humana da troca de experiências (Benjamin, 1987). A narrativa, mais que mera encadeação de fatos, mais que informações que se sucedem no

tempo, é a forma que a experiência difusa toma quando apreendida – verbal ou visualmente. A narrativa está tão acoplada à experiência que surge antes mesmo da comunhão de vivências que é o comunicar. Elas estão justamente no interior da pessoa que experiencia, formando-se quando o fenômeno cessa (se não ainda quando se desenrola) e passa a integrar a sua vivência, competindo para constituir sua bagagem de vida. Nesse momento, quando buscamos o sucedido, deparamo-nos então com aquela construção mental, visual ou verbal, sonora e aromática, que é mais que sensações difusas, parecendo ter sido espontaneamente organizada em decorrências articuladas, com respectivos momentos, muitas vezes encadeados em início e fim, sujeitos e objetos, causas e efeitos e mesmo uma temática, um conceito ou uma “coloração mental”³. De certa

³ A memória humana opera por meio de signos –

também determinadas pessoas que como eu era leiga e não entendia, acabaram me levando pra outros lados da coisa. Acabaram usando de leigalidade pra, pra fazer outras finalidades, financeiras e outros tipos de coisa. Então acabou que eu não continuei. Mas em questão de convivência no colégio, esse é a única coisa que eu tenho pra falar de trauma assim mesmo, é a convivência com as pessoas do mesmo sexo que era difícil. Porque acaba que você tem um interesse, você tem um desejo. Aquela

forma, arriscando certa ousadia interpretativa, podemos pensar na própria consciência como uma autonarração da própria experiência.

sinais – e índices, que tomam a forma de imagens, que, ao agirem como “cintilações”, fazem vir à mente as coisas às quais estão associadas. (...) Na retórica, o termo phantasiai é associado às coisas carregadas de pathos, que agem com grande força na memória e na mente. Algumas tradições filosóficas antigas observavam também a existência de um componente emotivo na memória. Podemos pensar assim: as imagens mnemônicas são compostas de dois elementos: uma “similitude” que serve como centelha para a coisa – res – que se quer recordar e a intentio – ou inclinação – ou a atitude que temos no confronto com a experiência recordada, que serve para classificar e depois reencontrar a experiência. Por isso, as recordações são imagens e vêm sempre com uma “coloração” emotiva. Também são agregadas a essas imagens as imagens de transposição, ou seja, imagens fora das imagens recordadas. Essas imagens são “carregadas” para dentro da memória por seu poder de agir como “pontes” ou ligações entre o vivido e o imaginado. (OLIVEIRA, 2015, p. 17)

À medida que a experiência é conformada e assume uma feição para nós mesmos, ela passa a se apresentar como nossa impressão, nosso ponto de vista, nossa história. É assim que Delory-Momberger (2008) observa na narrativa o processo de apropriação e tomada de consciência da própria vida: “Antes de contar essas histórias para comunicá-las aos outros, o que ele vive só se torna sua vida e ele só se torna *ele mesmo* por meio de *figurações* com as quais ele representa sua experiência” (DELORY-MOMBERGER, 2008, p. 35, grifos da autora). A compreensão denotativa e do senso comum de história passa, sob tal interpretação, por uma implosão e também uma explosão – ao mesmo tempo, ela perde o brilho e notoriedade do “registro dos fatos caros e relevantes”, passando a ser, para muito além disso, a própria consciência que media a constituição de tudo que se sucede até instaurar

paixonite de criança e de adolescente que todo mundo tem. Então é a única coisa que a gente acaba se reprimindo né.

Afonso: E você falou que tem vontade de continuar estudando, você se imagina fazendo faculdade, alguma coisa assim.. tem um sonho assim?

Evelyn: Olha, imaginar eu imagino. Eu tenho um... tenho vontade de fazer direito. Eu amo advocacia, mas o problema é que vai adiantar a gente fazer tudo, formar e fazer tudo, chegar na hora e não ter portas

o momento presente. É dessa maneira que somos tornados os personagens centrais no grande teatro da nossa vida, onde a narração é o próprio desenvolvimento da história (DELORY-MOMBERGER, 2008).

Compreendemos, portanto, que a narrativa é uma dimensão íntima e essencial da vida humana, ultrapassando até mesmo sua intencionalidade comunicativa. Ela está presente nos recônditos mais íntimos da nossa mente, imiscuída em cada memória que criamos e mesmo na maneira em que pensamos. Assim, na intimidade da nossa subjetividade, a narração, de certa forma, é mesmo parte de nosso corpo. Embora não necessariamente narremos nossa experiência gestualmente ou com descrições físicas, o primeiro indício da presença do corpo na narração – e vice-versa – é o fato de nós experimentarmos o mundo por meio do corpo, sendo este o primeiro e

mais usual ponto de contato com o exterior, com o incontrolável e com o desconhecido. O nosso próprio corpo, a princípio, é um terreno no qual trabalhamos para que ele, ao mesmo tempo, corresponda à nossa subjetividade e, também, responda ao ambiente da maneira que esperamos. O diálogo do corpo com o ambiente é realmente algo que consome a maior parte do nosso tempo e das nossas ações, seja através das mais diversas ações necessárias à sobrevivência, seja através do trabalho, do estudo e da socialização. Em sua avançada pesquisa sobre o papel da narração sobre a vida, Delory-Momberger (2012) não deixa de ressaltar esse ponto crucial para a compreensão dessa relação: o corpo é o primeiro lugar em que habitamos. A habitação do corpo é o primeiro suporte para as narrativas que se constroem sobre e a partir dele, um ponto de inflexão sobre a visão de si mesmo, do corpo em si e do

pra emprego? Por que não é que a gente tá pensando no lado negativo, mas a gente tá sendo realista. Por que tantas pessoas... Igual eu conheço trans que é formada, é formada em direito. Não tem trabalho, não tem trabalho pra ela, entendeu? Aí você gastar, investir num sonho pra se frustrar na frente? Infelizmente por mais que as pessoas falem que hoje em dia a mente é aberta, e a mente é aberta, mas a sociedade é bem...em relação a trabalho e a isso, é bem fechada pra determinada coisa. Ainda mais

corpo para/ com os outros:

Cada um de nós, de modo ao mesmo tempo consciente e inconsciente, desenvolve maneiras de estar no e com o seu corpo, maneiras de “habitá-lo”, de movê-lo, de colocá-lo em cena para si e para os outros, que envolvem, simultaneamente, equipamentos e técnicas de ordem material, representações e valores de ordem social e cultural, imagens de si e da relação de si com os outros, e que compõem uma alquimia muito complexa, um estilo dificilmente definível (sobretudo para si mesmo), uma reserva única, mais ou menos cultivada, mais ou menos assumida, uma relação de estar consigo mesmo que é constitutiva do que é sentido e da imagem de si. O fato de que aí possa haver defasagem, discordância entre a percepção construída que eu tenho do meu corpo e de mim-mesmo-meu-corpo e do meu corpo tal como ele

é percebido pelos outros, ou tal como eu posso descobri-lo por ocasião de um reflexo imprevisto da minha própria imagem, advoga, de resto, a favor da tese de uma construção biográfica do corpo. (...) É esse corpo-espaco, assim “habitado”, que entra em relação com outros corpos-espacos igualmente “habitados”, num jogo extremamente complexo de interações, de modelações recíprocas, de construções em espelho, de relações entre o mesmo e o diferente, que ocorrem antes de qualquer linguagem, antes de qualquer discurso, participando de uma gama de sensações indeterminadas e de impressões primeiras (a famosa “primeira impressão” impressão devendo ser interpretado aqui na acepção primeira de marca). (DELORY-MOMBERGER, 2012, p. 71)

Se buscávamos nos meios de informação a presença e a experiência das travestis,

pra quem vai lidar de certa forma com o público né? Vai ter que lidar com outras pessoas, como se diz, nem todo mundo...as pessoas ficam meio assim. Por que a visão que as pessoas têm do mundo trans é que trans é ladrão, é drogada, é barraqueira, faz programa. Mas as pessoas não veem que a mesma coisa do mundo delas, do mundo hétero. Que na verdade é o mesmo mundo mas eu falo assim, pras pessoas conseguirem entender. O mundo hétero tem ladrão, tem bandido, tem de tudo também...hétero.

particularmente na interface da sua dimensão subjetiva com o espaço que habitam, o fator do seu corpo – da sua construção, da sua vivência, não poderia ser absolutamente subjugado. Essa que é a interface a sofrer mais duramente as interações (quase sempre agressivas) com o meio, as respostas igualmente claras e ambíguas do ambiente (dos corpos passantes, dos corpos com os quais interagem na mercantilização do sexo e das próprias narrativas sexuais), o meio sobre o qual trabalham longamente para que haja correspondência entre a própria percepção do corpo, “mim-mesmo-no-meu-corpo” e o “meu corpo tal como ele é”. Não é ao acaso, portanto, que a atenção da autora se voltará para a população transgênera, cuja intensa batalha pela posse da própria narrativa é atualmente o motivo de luta de vários movimentos sociais e interesse da academia.

Uma das dimensões da experiência do corpo

e dos processos de biografização associados a ela é do corpo sexuado e das construções de gênero que ele requer. O gênero, como sabemos, é uma construção cultural e social que define as categorias do masculino e do feminino e distribui entre elas atributos, papéis, espaços (nos sentidos próprio e figurado). Essas categorias de gênero são investidas pelos indivíduos, biograficamente, na relação física, social, simbólica, imaginária, que eles mantêm com seu próprio corpo sexuado e com o corpo sexuado dos outros. Uma parte dos meus interesses e dos meus trabalhos atuais volta-se, precisamente, para a biografização do gênero que eu abordo, sobretudo, pelo viés da transexualidade e da intersexualidade. As pessoas transexuais ou intersexuadas realizam um ininterrupto e extenuante trabalho biográfico, as primeiras para afirmar e viver um gênero que não é

Nicole: **Prostituição.**

Evelyn: **Prostituição. Tem tudo. Só que por a gente ser uma coisa que fugiu do padrão da sociedade, pra gente é mais visado e mais taxada. Travesti vai ser sempre drogada, barraqueira, prostituição...Nunca vai ser uma pessoa de família, índole, pessoa que não prostitui, um cabeleireiro ou uma pessoa formada. Um bom advogado e bem sucedido. Infelizmente não...Uma ou outra que dá sorte. É como se diz, é...ganha uma fama. Umas e outras que vira**

aquele a que as destinaria seu sexo biológico as segundas para afirmar a opção por um gênero ou, às vezes, uma opção “masculina” em determinado “espaço” de sua vida e uma opção “feminina” em outro “espaço”. (DELORY-MOMBERGER, 2012, p. 72).

As pessoas travestis e transgêneras são as que, a priori, mais aguerridamente estão ocupadas com sua narrativa em um sentido ainda mais vibrante e insuspeito que aquele do registro: a compreensão de si mesmas para se empoderarem da própria representação e, com isso, projetarem-se no sentido daquilo que desejam. O ato de narrar, segundo a autora (DELORY-MOMBERGER, 2008), está inscrito e realiza aquilo que chama de *projeto de si*: um *ser-a-vir*, a constituição futura de si mesmo que é a construção que cada pessoa visa (conscientemente ou não) através das suas realizações, atividades rotineiras ou

excepcionais, a própria antecipação (via sonho ou apreensão) da ocupação das nossas horas ou do nosso envelhecimento; isto é, algo com o que ocupamos enormemente o nosso presente, que é lidar com o futuro. À sua dinâmica se deve o “estado constitutivo de inacabamento, uma falta de completude inerente ao ser humano” (DELORY-MOMBERGER, 2008, p. 64), pois, feito faces da mesma moeda, a projeção de si mesmo responde a este horizonte de potencialidades que ao mesmo tempo nos torna infinitos e incompletos. É dessa forma que o projeto de si é como um horizonte móvel, feito a paisagem na janela de um viajante, inesgotável e inapreensível em sua distância, mas também coincidente com os rumos das nossas projeções – ações que empregamos para realizá-las e concretizá-las enquanto interfaces de relação com o mundo:

A implicação vinculada a esse tipo de

cantora, outras que vira modelo. Mas é, em mil é duas.
Nicole: **Vai ter trans no tribunal sim, gente...Futuramente.**
Evelyn Prado, advogada de vocês.
Foi mais um dia de frente com Gabi.

realização é suficientemente ampla para que o projeto de si concretizado continue a ser alimentado e permita à dinâmica projetiva conservar seu movimento. Mas o projeto de si se atualiza a cada momento em atitudes muito pontuais que tocam à imagem física e mental que o indivíduo tem de sua própria forma. Estou numa relação de “estilo” comigo mesmo, isto é, seleciono as imagens que faço de mim mesmo em função de uma impressão de correspondência, de ajuste de formas sentidas como minhas. Essas operações de projeção seletiva, pela qual construo, experimento e verifico uma hipótese de mim mesmo, aplicam-se a comportamentos muito familiares e cotidianos (vestir-se desta ou daquela maneira, dar sua opinião, afirmar seus gostos, escolher um passeio ou uma leitura, encontrar tal pessoa etc.) e dão forma ao universo físico mental que concretiza o sentimento que

tenho de mim mesmo. Nessas construções projetivas, o pensamento e o olhar dos outros desempenham um papel de espelho: vejo-me no olhar do outro e adapto minha imagem ao olhar que empresto ao outro sobre mim mesmo. Construo-me, assim, na projeção do olhar do outro, na antecipação da leitura do outro. De certo modo, não paro de me escrever, isto é, de compor os efeitos da escrita que vêm, ao mesmo tempo, modelar e autenticar meu estilo, permitindo reconhecer-me a mim mesmo e ser reconhecido pelos outros. (DELORY-MOMBERGER, 2008, p. 64).

Produção, antecipação e diálogo: essas três esferas da realização da narrativa, cuja complexidade se configura em um certo “saber-ser”, são irredutíveis ao âmbito da informação. Igualmente, elas se caracterizam por um quesito de agência que invariavelmente se perde à medida que a narrativa se torna

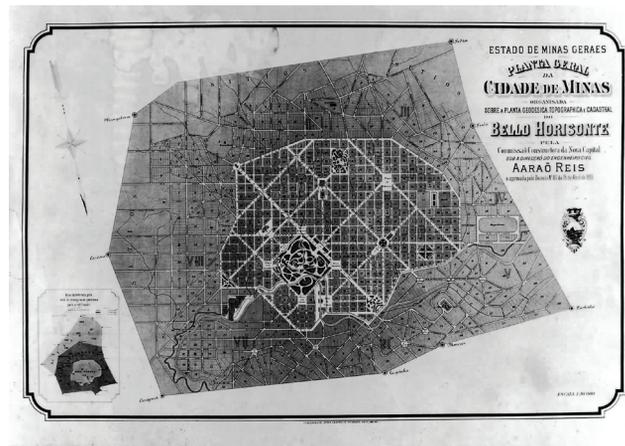
informação. Pode se pensar que isso se deve à própria característica de reprodução da informação, que suplanta a pessoa e sua complexidade, articuladas em um jogo performático de representações de si que constituem, por fim, uma verdadeira autoria. Pois, toda vez que se escolhe performar sobre a narração de si, que se segue em determinada vereda intentado se projetar rumo a uma vislumbrada configuração de si, o que se está sucedendo não é tanto o rastro de passado que fomos, mas sim o engendramento de possibilidades de porvir: “Na relação de engendramento das temporalidades, não é o passado que dá à luz o porvir, mas a projeção do possível que está *prende* de uma história – de uma *ficção verdadeira* – aberta sobre um projeto de mim mesmo.” (DELORY-MOMBERGER, 2008, p. 66). Em outras palavras, a narrativa é a concretização de uma escolha; ela é, necessariamente, o fruto de uma autoria.



território, identidade e memória.

O planejamento das atividades do *Trans-lado*, refletindo as especificidades do processo, foi algo multifacetado, complexo e ambíguo. Simultaneamente, entendia-se como um plano (afim, portanto, aos planos de aula e de curso) e como uma base desvinculada de uma visão pedagógica. Também, encarnava certa pretensão de exequibilidade (por meio, por exemplo, do desenvolvimento de “produtos” ao final do projeto), enquanto se admitia a imprevisibilidade da execução e a chance de desmobilização das travestis. Por fim, uma das dúvidas talvez mais inquietantes nas nossas ideias era a própria natureza da ação que propúnhamos: ao mesmo tempo, o que nos movia era a experiência dessas mulheres e a aprendizagem da sua experiência; por isso, de forma alguma nos pretendíamos como professores, como donos de um saber a ser transmitido a ela; todavia, era inegável que

algumas das questões que levantaríamos e certos temas que seriam discutidos careciam de alguma mínima introdução, de forma a escapar da casca do senso comum e tocar nas particularidades das inquietações individuais. Assim, a criação das ementas das atividades se deu sob intenso debate. A princípio, o que ficou acordado foi que não se tratava de um plano de curso inflexível, cujo objetivo era transportar conteúdos disciplinares ou induzir determinadas formas de elaboração de significados. Apesar disso, não se sabia muito bem denominar aquilo que produzíamos, revelando assim que também não entendíamos em totalidade sua função. Pela minha perspectiva, era inegável que trabalhávamos sobre um currículo: as atividades que elaboramos estavam embasadas em temas específicos e essenciais – identidade, representação, gênero, território,



memória, comunicação, história, registro, entre outros. Além disso, ainda que não se quisesse transmitir conhecimentos e nem instrumentalizar práticas, as ações do projeto dariam visibilidade e concretude a algo que, certamente, é secundário e incompreensível na vida corriqueira até que se organize: a prática de auto-narração, a organização dos fatos vividos em formas de comunicação e a elaboração de significados a partir disso. Somadas a tais dúvidas em relação ao nosso fazer, as pessoas com as quais nos relacionaríamos traziam particularidades e vicissitudes que efetivamente transformaram o projeto. A mais marcante dessas transformações em relação à ementa foi dada pela avaliação da nossa mobilizadora sobre a primeira ementa que a apresentamos. A nossa mobilizadora, uma das travestis que participariam do projeto e que era dona da

pensão na qual as demais moram, assumiu um papel de consultoria, fazendo vários apontamentos sobre a adequação das atividades propostas com a vida das participantes. A principal observação foi em relação à duração do projeto: a princípio, planejava-se treze encontros de três horas de duração cada. Ao ver isso, ela imediatamente nos alertou que muito dificilmente as participantes iriam até o final, evadindo muito antes. Com isso em mente, sentamo-nos em torno da ementa com o objetivo de a resumir da melhor maneira possível, mantendo as atividades mais ricas e preservando as temáticas. Dessa forma, reelaboramos o plano em três encontros, trabalhando uma das temáticas principais em cada um deles - território, identidade e memória.

Documento específico da oficina

Título da Oficina:	Trans-lado, narrativas trans: identidades, memórias e territórios de travestis e mulheres trans da Avenida Dom Pedro II
Carga horária:	20hs/aula 3 horas por encontro, nos sábados a tarde.
Número e perfil dos alunos	15 a 20 participantes de 18 a 60 anos, travestis e mulheres trans da Av. Dom Pedro II
Ementa	<p>O contexto das travestis e mulheres trans da Av. D. Pedro II é a principal ferramenta para a construção das narrativas. A partir dele questionamentos sobre os usos sociais da comunicação pautarão discussões com elas e influenciarão produções criativas.</p> <p>As oficinas serão constituídas de discussões sobre gênero e sexualidade, baseadas na forma como a população trans comumente é representada em mídias hegemônicas. Também serão trabalhadas noções básicas de narrativa audio-verbo-visual, texto, vídeo e fotografia.</p> <p>Conceitos de representação e território ganham foco nos diálogos, debates e na própria metodologia elaborada para o projeto. As atividades são pensadas de modo a promover o pensamento crítico e o empoderamento das participantes. Também serão experimentados conhecimentos de interação e transmídia a fim de criar uma narrativa que contemple as potencialidades de vários meios e garanta a interação entre as pessoas.</p> <p>A proposta fica aberta para as participantes decidirem a melhor forma de produção de suas narrativas, além de que será moldada de acordo com as necessidades e interesses delas e também com as possibilidades de trabalho oferecidas pelo projeto.</p>

**Conteúdo
programático e
recursos
didáticos
necessários**

É planejado realizar com as participantes uma série de atividades que fomentarão a criatividade e o pensamento crítico delas. Tais atividades poderão ser modificadas e/ou adaptadas de acordo com as necessidades das participantes, conforme apresentado na Proposta de Acessibilidade. Tal modificação e adaptação se justifica não só na garantia de que nenhuma participante seja inibida ou constrangida a realizar alguma atividade, mas também na proposta pedagógica horizontal na qual acreditamos e defendemos como forma efetiva de empoderamento dos sujeitos. A baixo nosso cronograma de atividades e os recursos didáticos necessários.

1º encontro) Atividade de apresentação vista você mesmo: as participantes irão criar uma roupa que diga quem elas são. Para isso disponibilizaremos uma camiseta branca e diversos recursos criativos que poderão demonstrar como elas gostam de ser vistas e dizer um pouco sobre a identidade delas. A atividade busca perceber não só as identidades das participantes, como elas se conectam e interagem; mas também perceber e valorizar a dimensão da performance e do corpo, que muitas vezes revela particularidades dos sujeitos.

Materiais necessários para a atividade: Camisa branca, recortes de tecido, tesouras, linhas de cores diferentes, agulha, missangas, paetê, tinta para tecido de diferentes cores, pincéis.

Ao final da atividade distribuiremos um caderninho para que elas registrem o cotidiano delas ao longo do percurso do projeto. Elas ficarão livres para preencher esse caderno e poderão colocar recortes de revista, papéis de bala, ideias soltas e momentâneas, enfim, terão toda a liberdade para cria-lo.

Oficineiros: Tomás German e Bárbara Macedo

2º encontro) Como me veem?: Após a atividade de apresentação iniciaremos o processo de discussão e pensamento crítico. Realizaremos um grupo focal cujo tema será “Como vocês acham que as pessoas veem vocês?”. Ainda que a pergunta seja um pouco

óbiva, porque é certo que elas reconhecem e percebem os preconceitos, instigaremos o debate por meio da representação da população trans na mídia. Utilizaremos de situações e figuras conhecidas tanto do meio ficcional quanto não ficcional. Assim, será uma dúvida, o que elas acham, por exemplo da Vanessão, figura tão compartilhada e revisitada nas mídias sociais, após aparecer em um programa de jornal da Rede TV contando de um caso de inadimplência de um cliente; ou então do vídeo “Todas as trans finíssimas”, também bastante famoso na internet em que uma mulher trans apresenta suas amigas enquanto elas fumavam maconha e esperavam clientes em uma avenida de uma cidade brasileira; ou da personagem Xana Summer da novela Império da TV Globo que aparentava romper com os padrões binários de gênero. Por meio desses e outros e relatos do cotidiano que elas vivem, perguntaremos: o que está errado? O que pode mudar? E como elas mudariam?

Ao final da atividade distribuiremos câmeras descartáveis e pediremos para que elas registrem seu cotidiano respondendo a pergunta: “Como é que eu vivo?”. Ainda que a atividade pareça desconectada com a atividade do encontro, ela serve de base para percebermos outras representações e outras vivências; além de ser um link para o terceiro encontro.

Materiais necessários para o encontro: Projetor, computador (notebook), câmeras descartáveis.

Oficineiros: José Henrique Pires e Afonso Scliar

3º encontro) Meu lugar: No terceiro encontro, a proposta é realizar um flaneur, uma deriva pelos locais afetivos das participantes. Aqui é menos importante o espaço formal, o macro território, o importante é o micro, em que encontramos as histórias e miudezas de cada uma, em que elas firmam o espaço delas. Dessa forma, listaremos alguns locais que elas consideram importantes para elas e que contam as histórias delas. Será instigada a relação que elas possuem com a Av. Dom Pedro II, de modo que incentivaremos que elas nos apresentem pontos na Avenida ou em suas proximidades. Pediremos também que elas façam fotos e vídeos da atividade com seus celulares de modo a perceber os espaços de forma diferente.

Recolheremos nesse dia as câmeras descartáveis distribuídas no encontro anterior para que as imagens sejam reveladas.

Materiais necessários: Van para o transporte, celulares com câmeras das participantes, gravador para registro das histórias.

Oficineiros: Tomás German e Caio Paranhos

4º encontro) Entrevista: Planejamos para esse dia devolver as fotos feitas com as câmeras descartáveis para elas. Com as fotos em mãos pediremos que elas expliquem o motivo de cada fotografia feita. Após conhecermos o cotidiano de cada uma, a atividade a ser realizada será de elas entrevistarem umas às outras. Assim elas terão total liberdade para produzirem e criarem entrevistas criativas e que correspondam com os objetivos e interesses delas. Elas poderão criar talk shows improvisados, serem repórteres por um dia ou outro formato que julgarem interessante para criar a atividade. O importante será que elas deverão entrevistar uma a outra. Para a atividade iremos apresentar alguns aplicativos gratuitos e fáceis de edição de vídeo. As perguntas serão de responsabilidade delas, mas deverão se basear nas discussões que temos no projeto, entretanto, poderemos mesclar a atividade de explicação das fotografias com a de entrevista caso não percebamos condições de realizar as duas atividades ou havendo dificuldades das participantes em pensar em perguntas. A atividade pretende registrar modos de dizer e

performance das participantes, elementos importantes na construção da identidade e de como se colocam no mundo. Ao final, pediremos que elas entrevistem outras pessoas, importantes para elas e que não participam da oficina, como uma forma de conhecermos os outros sujeitos que fazem parte da vida delas.

Materiais necessário: Celulares das participantes com câmera de vídeo, gravador para registro da atividade, filmadora para registro da atividade.

Oficineiros: Caio Paranhos e José Henrique Pires

5º encontro) Referência: Após as participantes apresentarem a atividade sugerida para que elas façam extra encontro, iremos apresentar uma referência para elas pensarem nas narrativas que elas irão produzir. A referência será o vídeo “Meu filme que nunca vi”, que apresenta um debate com mulheres trans a respeito de suas vidas e de produções de autoafirmação realizado pelas mulheres trans participantes do vídeo. A ideia é que elas também realizem narrativas de autoafirmação de forma livre. Assim elas poderão criar vídeos, imagens, fotografias, entre outras possibilidades. As participantes serão divididas em grupos e conversaremos com elas sobre as possibilidades, de modo a valorizar seus talentos e o trabalho colaborativo.

Materiais necessários: Projetor, computador.

Oficineiros: Tomás German e Bárbara Macedo

6º e 7º encontro) Mão na massa: Esses encontros serão destinados para que as participantes de fato produzam suas narrativas. Daremos todo o suporte necessário e ajudaremos elas nessa criação.

Materiais necessários: câmera de vídeo, câmera de fotografia, gravador de áudio, papéis variados, tinta, canetas, tesoura, cola, entre outros materiais.

Oficineiros: Caio Paranhos e Afonso Scliar

8º encontro) Curadoria: Reuniremos todos os materiais produzidos (inclusive os alguns solicitados no início do trabalho) e iremos

escolher qual material deve ser inserido na plataforma, qual deve ser inserido na zine do projeto, e qual não é interessante de incluir. Ao final iremos montar a zine e a plataforma do projeto. A zine será criada de forma manual, capaz de ser reproduzida de forma barata em xerox. A plataforma será desenvolvida no Wix uma simples ferramenta de construção de site. Tais escolhas se justificam para que as participantes possam de fato se apropriar dos conhecimentos obtidos no projeto.

Materiais necessários: Projetor, computador, papeis, cola e tesoura.

Oficineiros: José Henrique Pires e Afonso Scliar

9º encontro) Divulgação: Agora que as participantes concluíram o trabalho, elas merecem divulga-lo assim iremos organizar um evento de lançamento desses produtos (a zine e o site) como maneira de divulgar e comunicar de forma geral para a população de Belo Horizonte. Planejamos para esse dia realizar uma oficina de cartaz de divulgação do trabalho delas a ser realizado com a técnica de serigrafia. Dicotiremos também de como deverá ser o formato do evento de lançamento.

Materiais necessários: Cartolinas, tela de serigrafia, tintas de serigrafia, retardador da tinta, (...)

Oficineiros: Bárbara Macedo e Tomás German

10º encontro) Evento de lançamento: Conforme descrito anteriormente esse encontro está destinado a interação com os demais participantes e divulgação do trabalho realizado.

No planejamento estão previstos mais três encontros que poderão ser utilizados caso haja imprevistos, atrasos ou outras necessidades.

**Recursos didáticos
necessário**

Câmeras fotográficas descartáveis

Gravador de som

Câmera fotográfica

Câmera de vídeo

Computador equipado com softwares de edição de imagem, vídeo e

	<p>som</p> <p>Materiais de papelaria (bloquinhos de papel para anotações, papéis sulfite branco, papéis color plus, cartolinas de cores diversas, papel kraft, canetas, lápis, borracha, lápis de cor, giz de cera, canetas nankin, tesoura, cola, post-it®)</p> <p>Data-show</p> <p>Impressões</p>
Professores pretendidos	<p>Afonso Tolentino Kassow Scliar</p> <p>Bárbara Macedo</p> <p>Caio Ribeiro Paranhos</p> <p>José Henrique Pires Azevêdo</p> <p>Tomás Soares Pereira German</p> <p>(currículos disponibilizados no conjunto do projeto)</p>
Condições de participação e critério para seleção de participantes	<p>Caso a procura para participar do projeto exceda o número de vaga, dar-se-á preferência aqueles que demonstrarem maior interesse em realizar a atividade.</p> <p>Nesse sentido faremos uma entrevista com cada interessada e depois divulgaremos o resultado.</p>
Justificativa da relevância da atividade	<p>O projeto se constrói de maneira colaborativa. Nesse sentido os saberes das travestis e mulheres trans e dos facilitadores merecem se convergir e se compartilhar. As atividades de discussão são importantes para provocar a consciência e problematização a respeito da representação de travesti e mulheres trans nos meios de comunicação hegemônicos. A reflexão permite que elas pensem em formas alternativas de representação e ao final do projeto criarão produtos de comunicação próprios. As atividades formativas apresentarão conceitos técnicos que possibilitarão a realização dos produtos. Foram pensadas técnicas de comunicação de baixo custo de modo que as participantes poderão se apropriar de tais técnicas para se empoderar.</p>

Ementa

Realização de três oficinas em três casas diferentes com os temas norteadores do projeto (identidade, território e memória).

Duração: 3 horas e 30 minutos cada encontro (de 13:30 às 17h)

Intervalo de 30 minutos para lanche.

1º encontro: Identidades

Oficina de construção de roupas que expressem a identidade de cada uma.

Levaremos algumas referências como Jonh Drops que faz roupas com objetos que possuem em casa. Elas deverão explicar o motivo da escolha de cada elemento colocado na roupa.

Durante o processo iremos conversar com as meninas, perguntando sobre gostos, rotina, e etc, extrair delas o que as torna humanas.

Registraremos com vídeo e foto as oficinas além da gravação das conversas.

Realizaremos um desfile final com as roupas criadas. Veremos uma parceria com a Marta Neves a questão do desfile.

Ao final iremos conversar com todas para pensar e refletir sobre a identidade coletiva.

Materiais necessários: camisas brancas, materiais de aviamentos, tinta de tecido, revistas, projetor e computador.

Para casa: distribuiremos câmeras descartáveis para elas registrarem a rotina delas.

Responsável: José

2º encontro: Território

Levaremos frases colhidas no primeiro dia e outras frases com cunho político e afirmador.

Algumas frases serão dadas ao grupo, outras serão dadas individualmente. Elas deverão escolher lugares na proximidade para pregarem essas frases.

Antes de sairmos para pregar as frases iremos conversar com elas sobre territórios e escolher quais locais serão coladas as frases coletivas. As frases individuais deverão ser escolhidas durante o passeio, para perdermos nos caminhos aos locais escolhidos.

Pediremos a elas para fotografar a atividade, mas além dos registros delas, também iremos fotografar e filmar.

Para casa: Pediremos a ela que levem ao próximo encontro objetos que tragam memórias para elas memória.

Materiais: impressos com frases, grude (farinha, cola,), pincel.

Responsável: Tomás

3º encontro: Memórias

A partir dos objetos trazidos, dividiremos as meninas para que elas entrevistem uma às outras, perguntando das histórias vividas.

Depois dessa atividade, elas farão uma linha do tempo de cada um, colocando momentos importantes de forma livre, como em desenhos, ou outras formas.

Materiais: câmera, microfone, papéis, barbante, pregadores, lápis, canetas, cola, revistas e etc.

Responáveis: Caio e Babi.

Encontrão

Depois de visitar as três casas realizaremos um encontrão com todas, de forma lúdica em que elas apresentarão os trabalhos e farão a curadoria dos conteúdos que foram produzidos.

Materiais: projetor e outros materiais produzidos durante os encontros.



Relatórios

Relatório do 1º encontro - Casa da Brenda

24 de setembro de 2017

Presentes: Brenda, Palloma, Nycole, Kamilly, Fabiolla.

O primeiro encontro na casa da Brenda foi alegre e divertido.

Quando chegamos, (Barbara, Caio e Tomás) fomos recebidos pela Brenda, que nos deixou bastante a vontade. As outras meninas estavam realizando outras atividades, como limpeza ou até mesmo dormindo.

Explicamos para Brenda a atividade que íamos fazer (construção de camisas). Dissemos da necessidade de ter um espaço maior e então ela nos sugeriu que fizéssemos o encontro no terraço, onde funciona também seu terreiro.

Assim, fomos adentrando a casa e conhecendo mais meninas, inclusive foi uma delas que nos levou até o espaço onde realizamos a atividade. Perguntamos o nome e dissemos o nosso.

Lá em cima, começamos organizar o que iríamos utilizar, o projetor e as cadeiras. Elas buscaram uma extensão para a gente, mas percebemos que não poderíamos utilizar o projetor uma vez que o espaço era muito claro. Nesse meio tempo, Afonso e Zé chegaram e foram recebidos pela Fabiolla.

Feito isso, começamos a atividade. Nos apresentamos e começamos a explicar sobre o projeto. Dizendo do interesse de criar narrativas que fortalecessem as identidades, memórias e territórios delas. A Brenda nos interrompeu dizendo sobre outro assassinato



de uma travesti na Pampulha. Ela contou como foi o caso, falou sobre a violência e sobre a vulnerabilidades que a população está submetida. Tomás lembrou da notícia que foi solucionado um caso de assassinato, e Brenda completou com seu parecer e dizendo que a solução ainda não foi divulgada na mídia. Brenda também falou da falta de união da comunidade LGBT e deu suas opiniões, um pouco embaraçosas para a gente.

Introduzimos a atividade. Dissemos o que a roupa deveria expressar a identidade de cada uma e que iríamos conversando com elas no decorrer da atividade. Apresentamos as referências pelo notebook, uma vez que o projetor não era efetivo devida a claridade.

Elas puderam escolher o tamanho das camisas que queriam utilizar. Disponibilizamos os

materiais, e a partir daí fomos conversando com elas. A conversa iniciou muito delas no princípio. Elas fizeram as primeiras perguntas e vez ou outra perguntavam “o que mais que vocês querem saber”. De toda maneira elas foram muito amigáveis e abertas para o trabalho.

Gravamos com nossos celulares as conversas, entretanto duvido um pouco da qualidade, uma vez que o espaço onde realizamos a atividade havia uma decoração de papel, que vez ou outra fazia ruídos quando o vento corria.

Kamilly e Fabiolla estavam mais próximas no início da atividade, e compartilharam várias histórias juntas. Paloma e Nycole são um pouco mais reservadas a primeira vista, principalmente Paloma, que é mais calada. No final, Paloma nos confessou que estava dormindo antes de chegarmos e por isso estava

um pouco mal humorada no início da atividade.

Nycole aos poucos foi se soltando, contando seus casos dizendo suas opiniões. Ela nos perguntou se conhecíamos alguém do Trans ENEM, ela fez 3 meses do cursinho, mas não logrou êxito no vestibular por causa da nota da redação. Dissemos que conhecíamos do TransVest, iniciativa que ela também conhecia.

A Brenda não ficou todo o tempo conosco realizando a atividade. Vez ou outra descia para resolver alguma coisa. De toda forma ela realizou a atividade com as meninas elogiando ela, dizendo que ela é muito talentosa.

As meninas compartilharam lugares que elas frequentam, suas histórias de vida, de quando se assumiram, de quando vieram para Belo

Horizonte e da relação que elas têm com a família, entre elas e com a Brenda. Kamilly foi a primeira a acabar.

Fizemos fotos do processo e pedimos para que elas posassem com a roupa no final. Elas também explicaram o motivo do que elas colocaram nas roupas, bem rapidamente. E por fim fizemos um animado lanche em que elas compartilharam mais histórias e disseram mais sobre a relação que elas possuíam entre elas.

Despedimos delas e elas nos levaram até a porta, pedindo para que não esquecêssemos de adicioná-las no Facebook e WhatsApp.

Relatório - 2º oficina na casa das Prado

08-10-2017

15h às 17h.

Oficineiros: José, Tomás, Afonso e Babi

Participantes: Brenda, Nycole, Paloma, Fabíola, Kamilly e Evelyn

Objetivos da oficina: explorar as relações estabelecidas entre as participantes e territórios que fazem ou fizeram parte de suas experiências. Pensar a relação com a cidade, com a vizinhança, com locais frequentados e não-frequentados. Como esse corpo transita ou é impossibilitado de transitar pelos espaços? Quais os lugares mais carregados de afetos para essas meninas?

Atividades desenvolvidas: Roda de conversa inicial com perguntas que discutiam o eixo central do trabalho. Colagem de frases ditas

por elas na reunião anterior em espaços públicos da região em que vivem e trabalham.

Descrição das atividades: A roda de conversa funcionou de forma informal e pouco conduzida. A equipe colocou algumas questões que perpassam a relação cidade e corpo. Durante a conversa foram gravados áudios e vídeos. Após a conversa definimos o lugar de intervenção, que foi a própria esquina onde vivem. Todas as participantes foram até a esquina e toda participaram da colagem de lambes, embora algumas delas tenha se apropriado mais da atividade. Foram colados lambes em postes, muros, orelhão e principalmente no ponto de ônibus. Após a atividade, foi feita uma avaliação em que as integrantes manifestaram a aprovação da atividade, ainda que no início a proposta não tenha sido bem recebida.

Avaliação das atividades e

Poliana: **Eu pensava em ser professora.**

Afonso: **Professora de que?**

Poliana: **Professora de Português, Matemática. Só que naquela época era meio difícil, né? Ai eu tinha um servicinho lá. Eu trabalhava. So que ai, faliu a fábrica, sabe? Ai eu fui mandada embora.**

Primeira oficina na Casa da Poliana - Falas transcritas

aspectos relevantes: Assim que chegamos e apresentamos a atividade proposta de explorar os lugares da região fomos surpreendidos com a indisponibilidade das participantes em realizar o que foi proposto. Os argumentos utilizados foram desde “tenho vergonha”, “é perigoso fazer isso” e “travesti não vive de dia e não tem direito de fazer esse tipo de coisa”. Foi colocado que esse tipo de atividade não é viável para as meninas, que praticamente não saem de casa durante o dia já que trabalham a noite toda e vão dormir as 9 horas da manhã, destacando também a hostilidade das ruas que pode ocorrer a qualquer momento. Em linhas gerais, é possível perceber que a relação com o espaço é atravessada por duas características - a rotina e a violência. A rotina do trabalho com prostituição impede determinados movimentos por causa do próprio tempo, assim como a violência que seus corpos estão expostos

também impossibilita o circular pela cidade.

Ficou claro pela fala das participantes que os afetos permeiam todos os espaços da cidade, contudo, alguns poucos lugares acionam afetos menos negativos e até positivos, como os bares vizinhos, o próprio ponto da esquina em que trabalham (onde a vida toda delas acontece), enquanto outros lugares (a cidade praticamente toda) aciona afetos mais conflituosos e “negativos”, uma vez que são espaços em que seus corpos estão vulneráveis a todo tipo de violência. Nesse sentido, pode-se pensar que a cidade é um grande mapa afetivo, no sentido em que a afetação dos espaços é constante, no entanto, na grande maioria das vezes esse afeto é violento e hostil. Tal aspecto ficou bem claro quando as participantes elencaram alguns lugares que frequentam, marcando sempre a presença da violência inclusive nesses lugares,

Afonso: **Era serviço de que? Que você trabalhava?**
Poliana: **Era fábrica de mangueiras, sabe? Ai faliu, ai eu
não tinha emprego, né?**
Nunca tive finanças. Foi ai que eu fui para a prostituição.

como hospitais (públicos e particulares), boates e no transporte público. Foi sinalizado mais de uma vez que o corpo da travesti e da mulher trans é visto como disponível para programa em todos os lugares que circula. O assédio é constante. Essas são, inclusive, justificativas para que essas meninas não utilizem o transporte público. Outro ponto a se destacar é a relação direta entre ocupação da cidade e rotina.



Relatório - 3º oficina na casa das Prado

21-10-2017

16h às 18h.

Oficineiros: José, Tomás, Afonso, Babi, Zadô e Caio

Participantes: Brenda, Nycole, Paloma, Fabíola e Evelyn

Objetivos da oficina: explorar dimensões da memória e de recordações afetivas e ou significantes. Resgatar histórias, eventos e acontecimentos particulares de cada uma delas. Por trás da recuperação da memória há o intuito de conhecer mais essas pessoas, suas trajetórias e dessa forma preencher as representações de “vida”.

Atividades desenvolvidas: Roda de conversa inicial com a explicação das atividades. Não houve uma conversa bem estruturada

ou delimitada sobre o tema que norteava as oficinas. Foi proposta a ideia de fazer linhas do tempo individuais, em texto. Após a linha do tempo, a ideia foi gravar programas de entrevista em que as participantes em duplas, alternando a posição de entrevistadora e entrevistada, deveriam descobrir um pouco mais sobre a vida uma da outra. O objeto era simular um programa televisivo de entrevista em que elas pudessem tanto narrar suas trajetórias como fazer perguntas às outras.

Descrição das atividades: A conversa inicial da oficina foi rápida e pouco estruturada. O desenvolvimento das atividades de linha do tempo não tomou muito tempo, algo em torno de no máximo 30 minutos. As meninas puderam escrever de forma livre ao que contasse sua trajetória. Fabíola não participou desse momento e as meninas tiveram certa dificuldade em se

Nicole: **Eu queria fazer qualquer curso que desse, né. Psicologia, administração, qualquer coisa...**

Brenda: **Afinal de contas, qual é a sua vontade? Você não pode sair por aí falando que quer fazer qualquer coisa... Tem que ter um sonho, uma vontade.**

Nicole: **É que é difícil. Eu fiz na intenção de qualquer curso, porque a gente... é pro currículo, porque não estamos podendo escolher muito não. Mas a minha vontade era fazer arquitetura. Mas é um custo. Pra você**

Primeira oficina na Casa das Prado - Falas transcritas

apropriar da tarefa, exceto Nycole que fez uma linha do tempo mais elaborada. Na atividade das entrevistas houve pouco engajamento, como se a atividade não tivesse sido levadas a sério. Primeiro gravamos com Brenda e Fabíola, que assumiram ares mais teatrais para a atividade. Posteriormente, gravamos com Paloma e Nycole, que foram mais tímidas. Ao fim, gravamos separadamente com Evelyn, que chegou um pouco depois para a atividade. As perguntas foram feitas principalmente por Afonso. Importante destacar que durante as entrevistas osicineiros fizeram intervenções pontuais na entrevista com o objetivo de ampliar a discussão e trazer informações novas. Ao final gravamos um vídeo geral em que todas apresentavam sua linha de tempo e na sequência lanhamos (cachorro-quente, a pedido das participantes).

Avaliação das atividades e aspectos

relevantes: De modo geral a oficina foi pouco produtiva e despertou pouco interesse nas participantes. Como das outras vezes, houve resistência quando as atividades foram propostas (primeiro não queriam escrever e depois não queriam gravar). Entretanto, fizeram ambas as atividades.

Foi perceptível que as meninas não compreenderam a atividade da linha do tempo, da mesma forma como não compreenderam toda dinâmica das atividades. Elas voltaram a tocar nos mesmo pontos que já haviam dito antes, o que impossibilitou avançar nas informações sobre a vida de cada uma. Essa resistência pode vir de dois fatores: o primeiro da própria elaboração ineficiente da oficina por parte da equipe e a dificuldade na condução da prática, quanto da própria dificuldade das meninas de contarem suas trajetórias e entrarem em



**ganhar uma bolsa é muito difícil.
Um curso muito disputado.**

questões não tão óbvias ou que estejam já discursivamente prontas.

Durante as atividades as meninas alternavam a presença na oficina, saindo constantemente da varanda, onde fizemos o encontro (saíram tanto para preparar o lanche quanto para atender clientes). Além disso, a participação das meninas também indicou um desgaste e desinteresse que vem da saturação dos encontros. Ficou visível que já existia muita informalidade na nossa relação com elas que ficou mais claro a falta de atenção ou engajamento com as práticas.

A pressa e ansiedade em terminar as atividades ficou mais clara na atividade final, em que todas deveriam gravar juntas e contar sobre suas linhas do tempo. Essa atividade foi bem rápida, embora tenha surgido falas interessantes e bastante afetivas - falas que

dizem respeito a primeira vez que vestiram de mulher ou que viram uma mulher trans, por exemplo. É importante avaliar também a presença da Brenda nas oficinas. Assim como nos demais encontros, ela assume uma liderança no processo e dita o ritmo das atividades. Isso sem contar que ela apresenta algumas falas prontas e com uma dicção de militância, que encobre acessar outras informações, como por exemplo que ela é fã de desenho animado e de cavaleiros do zodiáco (como ela relatou no lanche).

Para a equipe fica o dever de repensar formas de trabalhar a questão da memória, como conduzir coletivamente e de forma harmoniosa os trabalhos e tentar manter a mobilização mesmo nessa reta final.











Relatório – 1a. Oficina na casa da Poliana

15 de outubro de 2017

Encontramos na porta da casa da Poliana, mais ou menos às 13:40, e em seguida fomos tocar a porta dela. Quem nos recebeu foi Alana, recém-chegada do Rio de Janeiro, mas nascida em uma cidade paulista próxima do Paraná. Com seu sotaque mais paranaense do que paulista, contou de sua proximidade na Casa Nem, um projeto que acolhe a população trans e apresenta outras oportunidades para elas, como por exemplo, pleitear o vestibular.

Nos esperava outra menina dentro da casa, que estava recém-operada de prótese. Poliana saiu dos meios dos cômodos e nos cumprimentou. Afonso começou a explicar o projeto, dizendo que temos relação com a causa por sermos LGBTQs, que conhecíamos uns aos outros, mas Poliana muito ansiosa nos interrompia perguntando se iríamos distribuir um questionário, o que

iríamos fazer no dia, o que fizemos na Brenda, entre outras coisas. A menina que havia sido operada voltou ao seu quarto para repousar, e não continuou no nosso encontro.

A explicação sobre o projeto, então, foi superficial e rápida, começamos logo a explicar o que iríamos fazer e mostrar as referências para elas. As referências não despertaram muito entusiasmo. Lívia já conhecia o John Drop e nos ajudou a explicar sobre ele.

Distribuímos as camisetas e começamos a atividade. Poliana nos olhava com uma certa desconfiança, sem saber nossos objetivos. Ela pediu a camisa maior, enquanto Alana pediu a menor. Não dissemos que íamos gravar o encontro, mas elas perceberam nossa movimentação nos celulares.

Perguntamos se seria melhor realizar a atividade em outro lugar, mais claro, com mais

Poliana: **No começo tudo é difícil né menino? No começo a família não aceita, nem ninguém, né? Mas depois... Mas antigamente era difícil mesmo, né? Cidade pequena. Falatório na cidade, né? Ai, as pessoas prezam muito a família tradicional né?**

Afonso: **Você se assumiu com quantos anos?**

Poliana: **Ai eu tinha uns 15 anos.**

Primeira oficina na Casa da Poliana - Falas transcritas

espaço e que fosse mais fácil para arrumar caso sujássemos. Mas Poliana nos disse que limparia o carpete e que poderíamos fazer na sala mesmo. A escuridão foi solucionada abrindo uma porta que dava para o lado de fora da casa.

Em um cômodo ao lado, uma televisão seguia ligada sem que ninguém a assistisse.

Lívia quando viu as câmeras e as Babi e Zado fazendo fotos, disse que estava feia, que não havia se maquiado nem feito o cabelo. Dissemos a ela que ela estava linda, sem muito resultado. Ela preferiu fazer sua camisa em outro lugar, em um primeiro momento pensamos que tinha sido por causa das câmeras, mas depois ela explicou que era porque no outro lugar tinha uma mesa o que facilitaria seu trabalho.

A primeira a acabar a camisa foi Alana. Ela nos disse que na Casa Nem elas faziam as camisetas

de serigrafia, e que não havia tantas coisas quanto as que levamos. Ela nos perguntou também se poderia fotografar e contar para as companheiras da Casa do Rio sobre nosso projeto. Sua camisa tinha a frase “Não precisa ser LGBT para ser contra a LGBTfobia”. Ela nos disse que ela tinha outra camisa com essa frase que havia ganhado na Casa Nem, em um projeto que haviam globais envolvidos.

Alana estava com as experiências do Rio ainda muito evidentes. Ela nos disse dos desconfortos de projetos que iam a Casa Nem, praticamente só para “sugar” informações, fotografias e etc delas. Nos contou de um projeto que ganhou vários prêmios com fotos feitas nessa Casa e que a Casa nunca havia ganhado nada com isso. Também disse que não aguentava mais dar entrevista, que as vezes chegavam pesquisadores às 6h da manhã em busca de entrevistas.

Afonso: 15?

Poliana: **É. Ainda eu já era né?**

Afonso: **Por que? Você fazia o que?**

Poliana: **Ai eu era terrível! Ih eu ia pras festas. Vestia de mulher nas festas, meu pai não sabia. Depois era só o fuxico na cidade inteira. “Ih! Filho de fulano tava lá vestido de mulher.” Ai eu saia com roupa de homem né?**

Talvez por ser mais acostumada com o Rio foi aberta ao nosso projeto, nos contou vários de seus planos e sonhos, mas fazia muitas comparações e às vezes não se abria muito. Por exemplo, quando foi perguntada sobre sua infância, ou do porque que saiu de Curitiba (cidade em que foi morar para viver sua identidade de gênero). Ela também era descrente com algumas orientações identitárias e sexuais como os não-binários e os panssexuais.

Poliana por sua vez contou de sua história. Disse que tem relação com a família, mas que no princípio foi muito complicado. Sua mãe nunca viu ela assumida como mulher. No final do ano ela visitará a família. Poliana também contou de sua relação com outras travestis, que é conhecida em todo o mundo, por isso várias meninas a procuram em busca de moradia em Belo Horizonte. Também disse das dificuldades

de convivência e outras histórias de sua vida.

Lívia conversou conosco assim que ela acabou sua camisa. Ela contou de sua experiência na cirurgia de prótese, que foi feita em São Paulo e ela voltou para Belo Horizonte no mesmo dia, o que rendeu um sufoco para ela. Também nos disse de sua relação com seus pais e com seus amigos. Nascida em Uberaba, não acredita que tem muitos amigos em Belo Horizonte, que seus verdadeiros amigos continuam no Triângulo Mineiro.

Ela tem um sonho de trabalhar com moda, mas seria difícil de pagar os estudos em sua cidade. De toda forma, não quer seguir na prostituição por toda a vida. Lívia nos disse sobre seu trabalho, sua relação com os clientes e suas peripécias, o que geralmente eles pedem e fazem com ela. Geralmente os clientes são cínicos e que demandam dela em horários variados. Ela

Minha sacolinha mocosada. Ai o pai falava: “Ue, mas saiu aqui com roupa de homem!”. Eu passava na casa da amiga pra vestir. Ai a amiga me maquiava, ih...

também nos contou que tem vontade de fazer tatuagem, e que tem um tatuador muito bom que vive perto dela, mas que o tatuador não gosta de travestis, seu irmão uma vez deu um tiro numa parede próximo dela e a pólvora a queimou.

Depois de conversarmos com a Livia lanchamos. Por mais que chamássemos as outras duas meninas, elas não quiseram sair juntar a nós para lanchar. Poliana, um pouco rude tentou trazê-las dizendo que elas estavam sendo bobas e etc. Mas não surtiu efeito. Depois do lanche tiramos fotos delas e nos despedimos.



Relatório - 2º oficina na casa da Poliana

29-10-2017

14:30h às 17h.

Oficineiros: José, Tomás, Afonso, Babi e Paulo

Participantes: Alana, Milena, Luana e Poliana

Objetivos da oficina: explorar as relações estabelecidas entre as participantes e territórios que fazem ou fizeram parte de suas experiências. Pensar a relação com a cidade, com a vizinhança, com locais frequentados e não-frequentados. Como esse corpo transita ou é impossibilitado de transitar pelos espaços? Quais os lugares mais carregados de afetos para essas meninas?

Atividades desenvolvidas: Roda de conversa inicial com perguntas que discutiam o eixo central do trabalho. Colagem de frases ditas por elas na reunião anterior em espaços públicos

da região em que vivem e trabalham.

Descrição das atividades: A conversa inicial foi conduzida por toda a equipe na sala da casa da Poliana. As histórias e fatos foram sendo relatados na medida em que os integrantes da equipe faziam perguntas relacionadas aos lugares onde elas passaram e já morara, sobre Belo Horizonte e a vizinhança, e também sobre suas rotinas. Após a conversa inicial, que durou em torno de 40 minutos, convidamos as meninas para colarem os lambes na região. Elas definiram que colariam no lugar onde trabalham, na rua da própria casa. Foram colados lambes em postes, muros e orelhão de duas esquinas em que trabalham. Após a atividade, foi feita uma avaliação rápida, já na hora do lanche em que as integrantes manifestaram a aprovação da atividade

Avaliação das atividades e aspectos

Afonso: **Mas você se acha muito dona de casa, assim? Tipo, gosta de ficar em casa, gosta de arrumar coisa, gosta de mexer com planta...**

Poliana: **Eu gosto muito de mexer com planta. Você viu que eu tenho muita planta, né? Eu fico aqui cuidando das minhas galinha. Levanto cedo, vou pagar minhas contas, né? Limpar a casa, é isso... Minha vida é de Dona de Casa**

Primeira oficina na Casa da Poliana - Falas transcritas

relevantes: A conversa com as meninas funcionam na maior parte de tempo de forma fluida, e as respostas eram quase sempre completas. Não foi difícil conversar e fazer as perguntas, já que elas se demonstraram abertas em responder. Ainda assim, foi possível perceber que uma das participantes, Milena, se envolveu mais, contando suas experiências e se impondo com um jeito mais firme na conversa. Alana e Luana participaram e responderam as perguntas, porém de forma mais pontual e com um incentivo a mais da equipe para que isso fosse feito, como direcionando as perguntas diretamente para elas. Poliana foi presença flutuante na conversa, e também não participou da colagem de lambes.

No momento inicial as meninas puderam contar suas histórias relacionando-as com os espaços e territórios que fazem parte

de suas trajetórias. Enquanto Alana estava em BH há quase 1 mês, Milena e Luana já estavam na cidade pela terceira vez, e nesse sentido já tinham maior intimidade com o espaço, como contam que foram a pé para o centro - tanto “passear” quanto ir atrás de clientes. Na história de todas há um componente em comum: todas transitaram por diversos lugares do país e vão de lugar para lugar atrás de melhores oportunidades. Por isso, a os vínculos criados em cada espaço é bastante efêmero, e as pessoas (principalmente relacionamentos afetivos-sexuais e cafetinas) são usadas como marcadores de lugares, como por exemplo: “naquela cidade tal cafetina fazia isso” ou “meus três namorados no rio que colocam crédito pra mim no telefone...” Nesse sentido, a criação de vínculos é sempre tênue. Na perspectiva de futuro, algumas vezes surgiram, principalmente das meninas de salvador, um ideal em voltar para casa.

mesmo. Ai agora eu vou tirar minha habilitação, né?

Porque eu consegui trocar de nome. Né?

Afonso: **Mas ai você vai tirar carteira, ou você já tem carteira?**

Poliana: **É carteira.**

Afonso: **Você vai fazer auto-escola, agora, então?**

Poliana: **Uhum, é aqui do lado. É tão caro...**

Afonso: **Mas você tem medo de dirigir?**

Sobre a relação com o espaço na região, ficou claro que na fala delas há um convívio a princípio harmônico - vão ao supermercado, no posto que lancham na madrugada. Porém ao saírem para colar o lambe relataram problemas com vizinhos como o policial e a dona da mercearia, que não gostam muito da presença delas no espaço. Além disso, deu para perceber a restrição de contato com demais espaços da cidade. Conhecem poucos lugares e não nomearam nenhum deles (nenhum nome de bar, atração, boate, etc) o que mostra o pouco contato com Belo Horizonte, que se restringe espacialmente as redondezas da casa.

Outro espaço que apareceu com mais força nas falas foi a própria casa em que moram e seus quartos. A casa apareceu especialmente nas discussões entre Poliana e Milena, que discutiram sobre os comportamentos uma da outra em

relação aos clientes e conseqüentemente sobre a presença no lugar, como, por exemplo, quando Milena questionou o valor baixo do programa (30 ou 40 reais). A casa também foi tematizada quando se discutiu preços de diárias, que são diferentes em cada lugar que passam e que, Milena e Luana, quando chegaram em BH e descobriram que a diária na Poli seria 60 reais, acharam a princípio caras. Já o quarto apareceu muitas vezes nos relatos em que os clientes eram atendidos na própria casa em que vivem (casa da Poli), o que é diferente da casa da Brenda. Além disso o quarto, que é individual, é o espaço que têm para ficarem fazendo suas próprias coisas, como dormindo a tarde toda ou conversando por chamada de vídeo com o marido.

Outro ponto que apareceu foi a violência, que vem de forma bem naturalizada. A violência que vem de uma com a outra

Poliana: **Eu não.**

Afonso: **Mas você não tem carro, ai para se locomover como você faz?**

Poliana: **De a pé, de taxi.**

(exemplo de Poliana obrigando Luana a descer pra rua após a cirurgia ou dizendo que Milena morresse era culpa dela por desafiar demais os clientes), ou de pessoas externas (como o homem que correu com um facão atrás da milena).

De forma geral as meninas foram bem abertas e carinhosas, demonstrando que criaram laços afetivos com a equipe, o que ficou claro ao perguntarem o que vão fazer quando as reuniões acabarem, ou, por exemplo, quando Milena se arrependeu de não ter participado da outra reunião.



Relatório - 3º oficina na casa da Poliana

12-11-2017

12h às 17h.

Oficineiros: José, Tomás, Afonso, Babi, Zadô e Paulo

Participantes: Milena, Luane, Alana e Livia

Objetivos da oficina: explorar dimensões da memória e de recordações afetivas e ou significantes. Resgatar histórias, eventos e acontecimentos particulares de cada uma delas. Por trás da recuperação da memória há o intuito de conhecer mais essas pessoas, suas trajetórias e dessa forma preencher as representações de suas “vida”.

Atividades desenvolvidas: Roda de conversa inicial com a explicação das atividades. Não houve uma conversa bem estruturada ou delimitada sobre o tema que norteava as

oficinas. Foi proposta a ideia de fazer linhas do tempo individuais em que cada participante conversava com um oficinairo quanto escrevia ou relatava da sua própria forma sua trajetória, definindo marcos importantes de suas vidas. Após a linha do tempo, desenvolvemos uma atividade inspirada em um jogo de perguntas e respostas, em que foram selecionados temas gerais e cada integrante do jogo (oficineiros e participantes) deviam perguntar um ao outro sobre a temática sorteada.

Descrição das atividades: O desenvolvimento das atividades de linha do tempo não tomou muito tempo, algo em torno de no máximo 34 minutos. As meninas puderam escrever de forma livre, em folhas A4 sobre suas trajetórias enquanto conversavam e eram estimuladas pelos oficinairos. Apenas Livia fez a linha do tempo em outro ambiente da casa

Tomás: **E no carnaval, cês vão voltar pra Salvador?**
Milena: **Oxe, carnaval é Salvador! Não tem lugar melhor.**
Alana: **Eu depois que eu conheci o Rio, é só lá. Uma delícia.**
Paulo: **E pra trabalhar, assim?**
Milena: **Lá em Salvador, os 'homem é' babado. Pega na sua mão, beija na frente de todo mundo, paga cerveja, paga tudo.**
Luane: **Porque aqui é a cidade mais de gay, e lá é a cidade assim...**

Segunda oficina na Casa da Poliana - Falas transcritas

(a varanda) e por isso interagiu menos com as outras participantes durante o processo da escrita. Após a realização da linha do tempo, que funcionou como ponto de partida para pensar as memórias, realizamos o jogo em que todas as integrantes participaram. Na maioria das rodadas as meninas perguntaram para osicineiros e o contrário também ocorreu. A interação mais afetiva e de brincadeira entre elas mesmas não ocorreu, o que demonstra certo distanciamento que as participantes mantêm umas com as outras. A atividade durou bastante tempo (em torno de 1 hora ou mais) e foi desenvolvida até que os participantes demonstrassem cansaço.

Avaliação das atividades e aspectos relevantes: O tema memória é bastante delicado para se abordar. Além das memórias serem extremamente afetuosas, os próprios

procedimentos de acessar essas memórias também é delicado. O desenrolar da linha do tempo, e a forma como essa poderia ser feita as vezes gera confusão nas participantes. Por uma dificuldade de apreensão da proposta ou mesmo de execução da tarefa, a linha do tempo em si revela pouco quando não é estimulada pelosicineiros. A conversa individual dos proponentes da oficina com as participantes foi fundamental para que a conversa fluísse e mais recordações pudessem ser acessadas e contadas de maneira fluída. Observamos também, por alguns momentos da oficina e falas individuais que o tema é espinhoso uma vez que afeta diretamente a experiência de cada uma. As memórias nem sempre são positivas e aquelas mais difíceis de lidar ou não vem a tona ou emergem com certa superficialidade, quando, por exemplo, falamos de família ou de perdas. Em muitas falas é possível perceber

Milena: **De hétero!**

Luane: **Como se diz assim, de um homem que não tem preconceito muito forte, mas é homem mesmo. Aqui é muito gay, muito gay (...)**

Luane: **E também baiano é quente, né! Sabe ter pegada! (Risos).**

alguns marcadores temporais ou de situações que funcionam como balizas das trajetórias, como o discurso sobre a casa Nem de Alana, que conta muito sobre os processos burocráticos e institucionais dessa experiência ou do processo de transição, como no caso de Luane, que demarcou sua vida basicamente através de seus objetivos pessoais (colocar silicone e futuramente remodelar o nariz e o quadril).

Além das várias memórias e histórias que surgiram, um fato que chama atenção é a constante variação entre memória e esquecimento. Por trás do gesto de lembrar há uma relação com o gesto de esquecer. Foi possível perceber que há momentos que é preferível ser esquecido, mesmo quando lembrados, como na recusa de Luane em falar da perda da avó. Em outros momentos, há esquecimentos que nós nem tivemos acesso por que não surgiram, ou

ainda dos esquecimentos que surgiram depois de uma grande pressão, quando Milena por exemplo narrou a história de criminalidade no passado de Luane. A atividade do jogo foi bastante produtiva e rica. Além de pontos muito importantes também houve momentos de maior descontração e recordações mais leves e divertidas, como as memórias sobre música, artistas preferidos, filmes, etc. Todas essas informações constituem memórias, ainda que recentes, de pessoas complexas e cheias de vivência.

Por último, é importante também destacar a desenvoltura da equipe durante a atividade, muito mais amadurecida e bem decidida para conduzir as tarefas. O trabalho em equipe fluiu mais e cada integrante estava mais preparado para não só estimular a fala das meninas como para contornar as

Tomás: **Eles falam isso de vocês? Que vocês são mais quentes?**

Luane: **Fala.**

Milena: **Até o sotaque eles 'fala'. Que o sotaque da gente é de baiana, aí eles 'começa': 'ai que sotaque de baiana'**

adversidades que surgiram, como da dificuldade que algumas encontraram em falar em alguns momentos. Ficou perceptível essa mudança nos comportamentos da equipe, que já estava mais segura e com foco nessa atividade.







70



Refletindo sobre a prática

As questões animadas pelo *Trans-lado* certamente ultrapassam o escopo de uma monografia. Talvez ainda mais que isso, ultrapassem mesmo a capacidade de qualquer tentativa de apreensão e esgotamento, seja acadêmica ou não. Afinal de contas, os elementos com os quais trabalhamos são tão profícios e contraditórios que jamais poderemos estabelecer um juízo estável sobre sua significação.

Enquanto equipe, perguntamo-nos qual a função prática do projeto, sua potência para a resolução dos inúmeros problemas e opressões que acometem esse grupo tão marcantemente minoritário; se realmente conseguimos provocar visibilidade em suas histórias, suas narrativas e cosmovisões; se ajudamos a concretizar sua presença no espaço, a atá-las ao espaço em que vivem e trabalham; em suma, se

ajudamos a expandir algo de sua humanidade.

Apesar disso, algo me sugere que, paralelamente à impossibilidade de mensurar tais mudanças (tão superestruturais, ou melhor, culturais), existe também uma certeza, ainda que vacilante, que tais transformações já se iniciaram através da experiência das próprias travestis. Observando o objetivo principal do projeto, dar visibilidade às narrativas das travestis, essa perspectiva de transformação é a que justifica e embasa as ações. Considerando-se de forma pedagógica, essa transformação da realidade via a apropriação da linguagem – aqui, como meio da narrativa – está articulada a uma perspectiva libertadora. Pois a libertação não se dá apenas na objetividade concreta das relações. A princípio, ela parte do próprio vislumbamento de liberdade que o oprimido tem ao expandir seu horizonte de

mundos possíveis. É questionando a ordem opressora que propiciamos a possibilidade de existência de alternativas. Porém, para tanto, é mandatório primeiro descobrir em si mesmo as estruturas introjetadas da opressão que nos aliena da potencialidade indomável de agentes e narradores da própria história. A qualquer ação que se intente libertadora, cabe, como primeiro exercício, o de auto-observação e investigação das visões de mundo que reproduz, questionando e desconfiando de cada certeza e naturalidade, depurando, muitas vezes, o opressor que hospeda como projeto de si. Nesse lugar de “descoberta crítica” (FREIRE, 2005, p. 35) da desumanização que se inscrevem as ações do *Trans-lado*:

Ao fazermos esta afirmação, não queremos dizer que os oprimidos, neste caso, não se saibam oprimidos. O seu conhecimento de

si mesmos, como oprimidos, se encontra, contudo, prejudicado pela “imersão” em que se acham na realidade opressora. “Reconhecerem-se”, a este nível, contrários ao outro, não significa ainda lutar pela superação da contradição. Daí esta quase aberração: um dos pólos da contradição pretendendo não a libertação, mas a identificação com o seu contrário. (FREIRE, 2005, p. 35)

É nessa “autodescoberta crítica” que residem as chaves de transformação da norma vigente e opressora. Mapear em si mesmo os enraizamentos da opressão leva, também, a encontrar pontos de resistência. Particularmente em relação à heteronormatividade, que trabalha em sentido de extirpar do convívio social, dos modelos culturais e da nossa subjetividade tudo aquilo que considera abjeto. É aqui que devemos todos fazer um exercício de reflexão

Alana: **Ai menino... tem hora que eu num... Tem coisa que eu num gosto de lembrar da minha vida...**
Tomás: **Mas ai não precisa de lembrar delas não...**
Alana: **Eu coloquei tudo no... botei no esquecimento, pra não ter que ficar lembrando.**

Terceira oficina na Casa da Poliana - Falas transcritas

sobre a “iconologia” que construímos em torno das travestis – quais são as imagens que elas nos remetem enquanto categoria? Prostituição, doença, devassidão, balbúrdia, inocência, infância, ludicidade, espirituosidade, solenidade... Os significados que a elas atribuímos estão intimamente relacionados a uma normatividade que opera de modo a apagar tudo de humano que têm – isto é, seu horizonte de projeções, suas múltiplas alternativas, confinando-as à simples informação “traveco”, a mão única que leva a “sexo”, “ilegalidade”, “criminalidade” e “impuro”. Da manutenção dessa narrativa hegemônica que parte a abjeção social, que teme a “contaminação” – de certa forma corretamente, pois se seu interesse é mantê-las nesse confinamento, qualquer brecha de dissonância é suficiente para dar vazão a toda humanidade obliterada e, talvez, mesmo ao questionamento

de si próprio enquanto parcialmente obliterado pela sanção da normal. Pois deve-se ter em mente que essa abjeção opera igualmente em todas as pessoas, travestis ou cisgêneras, na medida que a norma demanda a caçada a todo e qualquer desvio, algo que inevitavelmente acomete a todos dado que as performatividades de gênero são culturais (bom exemplo disso é a constante busca de alibi para troca de performance de gênero, em geral fornecido por festas e carnavais). Socializar-se torna-se então um ato de se extirpar de si mesmo (MISKOLCI, 2012), de abrir mão de projetos de si possíveis em busca de uma manutenção dentro das margens impostas pela sociedade.

Lívia: É horrível. Porque por exemplo, o que acontece, eu era muito discriminada, né viado? Porque eu era gordinha e eu era gay, eu era muito afeminada. Tipo, naquela época,



hoje em dia as crianças não. Hoje em dia umas que nossa, já vai na escola vestida, de batom, de brinquinho...

Afonso: Chega a dar um recalque né?

Lívia: Nossa, antigamente, bicha era muita pressão! Você tinha que ter muito psicológico porque era muita pressão. Você lembra do Piti Bicha? Nossa era o tempo todo, me chamando daquilo! Tipo era... Minha tristeza era chegar atrasada, porque quando chegava atrasada, que eu abria a porta, tava todo mundo da sala gritava: "Olha o veadinho, olha não sei o que"... Nossa! Bicha! Ficava louca! O tempo todo. Era uma pessoa difícil. Então eu era duas minorias: gordinha e bicha! "Ai bicha gorda", nu sei que que era... (Relato registrado na terceira oficina da casa da Poliana)

vetores protagonistas de imposição de tais margens é a escola. Isso se deve não somente pelo fato de a escola ser geralmente o primeiro ambiente secundário de socialização da criança, onde sua experiência é pautada pela alteridade e pelo deslocamento da cultura familiar (DELORY-MOMBERGER, 2008, p. 114); um fato igualmente notório é a vocação histórica da escola enquanto normalizadora coletiva (MISKOLCI, 2012), onde vamos nos deparar com as primeiras marcas de gênero explícitas (banheiro feminino ou masculino, atividades físicas e jogos para meninas ou meninos, grupos exclusivos, etc) e implícitas (o chamado currículo invisível, executado nos comentários, nas preferências, na indiferença ao bullying, etc). Entender como a escola assume esse papel ajuda a compreender porque as travestis estão geralmente fora desses espaços:

É já bastante sabido e discutido que um dos

Lívia: Bom, na vida já foi uma vitória eu ter me assumido, coisa que pra mim já era muito difícil, virar travesti. Foi o que eu falei aquele dia, eu tinha muito medo de sair na rua, das pessoas me baterem, que eu contei pra ele, eu já apanhei antes de ser travesti, então, é, minha vitória já foi de início essa. Recente, pôr o silicone mesmo, acho que é uma coisa muito fútil pra mim hoje em dia, mas foi uma

Terceira oficina na Casa da Poliana - Falas transcritas

Para se compreenderem os motivos que fazem da escola um espaço destinado, fundamentalmente, a reproduzir os valores hegemônicos, é necessário sair desse espaço, ampliar nosso olhar para a própria forma como a sociedade produz as verdades sobre o que deve ser reproduzido, quais os comportamentos de gênero sancionados e por que outros são silenciados e invisibilizados, qual a sexualidade construída como “normal” e como gênero e sexualidade se articulam na reprodução social. Essas questões não podem ser respondidas exclusivamente nos limites da escola. Há um projeto social, uma engenharia de produção de corpos normais, que extrapola os muros da escola, mas que encontrará nesse espaço um terreno fértil de disseminação.

(BENTO apud Miskolci, 2012, p. 56)

Tal dado revela a profundidade da complicação em se encontrar referências e balizas para

propor atividades que, ao mesmo tempo, correspondam às necessidades dessas pessoas, às suas especificidades e de forma alguma reproduzam a heteronormatividade – ao contrário, que tenham a potência de desarmá-la. Um campo que tem sido notoriamente reconhecido por lograr em contornar as normatividades culturais na prática do ensino é a perspectiva multicultural, que visa desenvolver empatia e entendimento entre diferentes culturas. Aliada ao debate da cultura visual, essa é uma perspectiva que permite inscrever o *Trans-lado* dentro de um contexto do debate pedagógico e a encontrar pares que tangenciem ou afastem as atividades propostas – inegavelmente mais próximas da “visualização do cotidiano” (DIAS, 2005, p. 281) que da cultura hegemônica reconhecida. Apesar disso, mesmo a perspectiva multicultural parece ter sido insuficiente no

vitória porque, assim, eu sei o que eu passei, coisas que eu enfrentei pra ter, entendeu? Então, assim, foi uma vitória pessoal. É... se eu já tive outras vitórias, sim, mas mais recente e importante pra mim foi essa. Que é uma coisa fútil, mas que pra mim foi uma coisa pessoal, não pelo fato de ser o silicone, mas pelo que eu passei durante o tempo que eu tô aqui, entendeu? Então é isso, minha vitória é essa.

que tange as questões da diversidade sexual, o que se comprova na ausência de estudos sobre a representação queer nos programas de artes visuais e mesmo certa rejeição a tal possibilidade (DIAS, 2005, p. 283).

Uma possível reposta para a dificuldade de encontrar referências de conciliação dessas demandas dentro do ambiente seja o próprio engessamento causado pela educação formal. Imobilizada pelas diversas instâncias às quais deve responder, a educação formal tende a frear as propostas que visam permitir maior adequação às pessoas que desviam da normatividade padrão. A educação não-formal, por sua vez, parece ter certa naturalidade em responder a tal chamado, dado que é característico dessa modalidade que os objetivos sejam apontados processualmente. Maria da Glória Gohn (2006) compreende

a educação não-formal como radicalmente destoante da formal em quesito de quem educa – a figura autoritária do professor na segunda, em contraposição ao “outro” aberto na primeira; de onde se educa (territórios das trajetórias de vida na primeira, espaços regulamentados e compulsórios na segunda; e, quando ao quesito de como se educa, aparecem as possíveis respostas à escassez de repertório para o *Trans-lado*:

A [educação] não-formal ocorre em ambientes e situações interativos construídos coletivamente, segundo diretrizes de dados grupos, usualmente a participação dos indivíduos é optativa, mas ela também poderá ocorrer por forças de certas circunstâncias da vivência história de cada um. Há na educação não-formal uma intencionalidade na ação, no ato de participar, de aprender e de transmitir

ou trocar saberes. (GOHN, 2006, p. 2)

Compreende-se portanto parte do motivo para não se encontrar pares para um projeto como o *Trans-lado*, assim como também parte da razão para a incerteza metodológica percebida quando a prática e o planejamento; Gohn (2006) chega a listar uma série de problemas corriqueiramente encontrados na educação não-formal, como a falta de “metodologias que possibilitem o acompanhamento do trabalho realizado”, da “formação específica a educadores a partir da definição de seu papel e atividade a realizar”, problemas em parte causado pela própria prática corriqueira da educação não-formal de relegar o método ao encontro com os participantes:

O método nasce a partir de problematização da vida cotidiana; os conteúdos emergem a partir dos temas que se colocam como

necessidades, carências, desafios, obstáculos ou ações empreendedoras a serem realizadas; os conteúdos não são dados a prior. São construídos no processo. O método passa pela sistematização dos modos de agir e de pensar o mundo que circunda as pessoas. Penetra-se portanto no campo do simbólico, das orientações e representações que conferem sentido e significado às ações humanas. (GOHN, 2006, p. 3)

É nesse aspecto, portanto, que as ações do *Trans-lado* se aproximam daquilo que Delory-Momberger (2008) denominará como ateliê biográfico de projeto, uma metodologia de trabalho que se preocupa em ressaltar o potencial formativo da própria história de vida dos participantes. Nessa metodologia, o principal objeto de trabalho são as representações criadas sobre a própria narrativa, partindo de diversas

ações de cunho interdisciplinar. Alguma variação das práticas prescritas pela autora é compreensível (e mesmo esperada) dado que essa é uma constante na educação não-formal, como apresentado por Gohn (2006). Mais notória que as vicissitudes das práticas, porém, é a semelhança dos objetivos: o ateliê biográfico de projeto se destina, prioritariamente, à transformação da pessoa através da apropriação da sua narrativa, em uma “dinâmica prospectiva” (DELORY-MOMBERGER, 2008, p. 99) que une as três dimensões da temporalidade para embasar o projeto pessoal – que, no âmbito do *Trans-lado*, é a superação das narrativas hegemônicas desumanizadoras da população trans.

Com isso, podemos perceber que o *Trans-lado*, mesmo sem pares próximos nas práticas mais assentadas da educação formal – em particular,

do ensino de arte –, responde a objetivos claros e trilha um percurso relativamente já explorados por outras ações. Particularmente, podemos compreendê-lo como uma prática libertadora de educação não-formal, calcado na discussão do gênero por meio do trabalho interdisciplinar (fortemente ligo às Artes Visuais e à Comunicação) das narrativas pessoais das travestis.



Avaliação do projeto pelo ponto de vista das participantes do Translado

(Baseada em questionário disponibilizado)
Pesquisador: João Maria Kaisen de Almeida

Casa Brenda Prado

1. Fabíolla, 31

Oficina Identidades

Sentiu-se confortável, considerou a oficina excelente.

Pontuou que caso haja outra não precisa ter modificações.

Oficina Territórios

Sentiu-se confortável, considerou a oficina excelente.

Sugeriu alcançar lugares mais públicos, mais diversos, como centro e rodoviária.

Oficina Memória

Sentiu-se confortável, considerou a oficina excelente.

Comentou que achou divertido porque foi uma novidade entrevistar e ser entrevistada.

Gosta de coisas novas, que não tem acesso.

Sobre os Registros

Foram feitos com conforto e repeito.

Sobre a Equipe

Excelente, “nota 1000”

Sobre o Projeto

Foi relevante “pra mim”. Incentiva a lutar, ensina a conviver. É importante pra conhecer pessoas novas e deve continuar porque as pessoas precisam se unir.

2. Kamilly, 23

Oficina Identidades

Sentiu-se confortável, considerou a oficina excelente.

Pontuou que caso haja outra não precisa ter modificações porque o trabalho “traz melhorias para LGBT”

Oficina Territórios

Sentiu-se confortável, considerou a oficina excelente.

“Acho importante porque é possível muita expressão, visibilidade e as pessoas entendem

que somos normais”

Oficina Memória

Sentiu-se confortável, considerou a oficina excelente.

Comentou que “não é costume, é bom porque é uma novidade”

Sobre os Registros

Sentiu-se confortável.

Sobre a Equipe

Excelente, “pessoas maravilhosas, humanas”.

Sobre o Projeto

Foi relevante. “Atividades que abrem portas pro mercado de trabalho. A prostituição é um trabalho digno, mas muitas estão porque não existem oportunidades”

3. Palloma, 20

Oficina Identidades

Sentiu-se confortável, considerou a oficina boa.

Pontuou que “deve permanecer, desenvolver”

Oficina Territórios

Sentiu-se confortável, considerou a oficina boa.

Disse que “faltou alguma coisa, mais destaque, outras regiões”

Oficina Memória

Sentiu-se levemente desconfortável, considerou a oficina ruim.

Comentou que não gosta de dar entrevistas.

Sobre os Registros

Sentiu-se confortável.

Sobre a Equipe

Excelente.

Sobre o Projeto

Foi relevante. “Faz aceitação”.

4. Nycole, 20

Oficina Identidades

Sentiu-se confortável, considerou a oficina excelente.

Achou bom por poder expressar sentimentos, mostrar quem é. Sugere “trazer mais ideias, focar em ajudar”

Oficina Territórios

Sentiu-se confortável, considerou a oficina boa. Foi “divertido dialogar”, mas “não entendi o foco principal”.

Oficina Memória

Sentiu-se confortável, considerou a oficina excelente.

Comentou que poderia repetir em outras casas, é bom para relaxar, as pessoas se soltam”.

Sobre os Registros

Sentiu-se confortável.

Sobre a Equipe

Excelente, “pessoas se preocupam, vale a intensão de ajudar”.

Sobre o Projeto

Relevante SE “houver expansão, mais pessoas, mais lugares, não pode acabar ali”.

Disse ainda: “ Nada é difícil, depende de nossa força de vontade de querer levantar. A história não é difícil por ser trans, é uma vida normal, o

problema são os preconceitos, julgamentos”

5. Brenda Prado, não informou

Oficina Identidades

Sentiu-se confortável porque estava em sua residência, considerou a oficina excelente.

Oficina Territórios

Sentiu-se confortável, considerou a oficina boa. Comentou que achou a “ação infantil, redundante, simples”

Oficina Memória

Sentiu-se confortável, considerou a oficina excelente.

Comentou que “toda visibilidade é importante”.

Sobre os Registros

Sentiu-se confortável.

Sobre a Equipe

Excelente, “pessoas maravilhosas, afetuosas, capacitadas”.

Sobre o Projeto

Pouco relevante.

Questionou : Qual é o real benefício? “precisa expandir!”

Disse ainda: “Projetos não tem que focar só o psicológico, contar sobre a vida já é algo rotineiro”

Sugeri para o desenvolvimento “à favor da população T”:

- “Dinamismo, movimento, futuro, aprendizado”

Buscar “projeto que vai beneficiar de fato, “SAIR DO MOMENTO”, “lutar por algo maior”:

- ambiente diurno (“temos que viver o dia também, não só à noite”), tenha finalidade

LAZER: piscina, papo espontâneo, sem julgamentos, sem constrangimento

- capacitação (gerar renda): argila, pintura, teatro, cozinha, arte (“a vida é uma arte”)

- “inclusão, oportunidade, produtivo, utilidade”.

Casa Poliana

1. Poliana de Brexa, 40

Oficina Identidades

Sentiu-se confortável, “estava em casa”, considerou a oficina excelente.

Oficina Territórios

Sentiu-se confortável, considerou a oficina excelente.

Observou que apenas “o clima não estava favorável”

Oficina Memória

Sentiu-se confortável, considerou a oficina excelente.

Sobre os Registros

Confortável.

Sobre a Equipe

Excelente, tem “comprometimento”

Sobre o Projeto

Foi relevante.

“As pessoas excumungam sem saber, somos pessoas, pagamos impostos. É bom poder desabafar, queremos respeito, direitos iguais.”
Sugestão para frequência de atividades: 1 domingo sim, 2 não. Horário: 12:00 às 13:00
Investir em lazer: “acho que se uma vez por mês a gente saísse da rotina pra relaxar, iria incentivar as pessoas fazerem as atividades”

Obs.: todas as pessoas disseram estar cientes dos registros de vídeo, áudio e fotos.

Possíveis participantes de continuidade do projeto.

- 1. Pamella Scheneider, 20 (Poliana)**
- 2. Suellem Werneck, 45 (Poliana)**
- 3. Ana Beatriz, 32 (Brenda)**

Mostraram interesse em oportunidades que ajudem a sair da prostituição, mudar de vida.

Suellem : “somos igual modelo, como sobreviver depois de envelhecer? ainda mais que temos envelhecimento precoce”. “Tinhamos que ter cursos que ajudem na saúde: - “dança, teatro, coreografia”

Sugeriram cursos de capacitação para o mercado de trabalho da estética e beleza:
- Cabelo, Sobrancelha, Maquiagem, Unha.
Ana Beatriz: “normalizar os corpos, existências”

Conclusão

O projeto *Trans-lado, narrativas trans: identidades, territórios e memórias de travestis e mulheres trans da Avenida Pedro II* é um exemplo de experiência que se nega a ser reduzido ou categorizado apressadamente. Fortemente polissêmico, considero que ele foi a concretização de todas as ambiguidades que se propôs abordar. Por isso, tentar entendê-lo como objeto encerrado em um campo tende a apresentar mais lacunas que correlações, dado que ele percorre caminhos compartilhados por variadas práticas e abordagens. Em comum, contudo, todas elas têm como central a preocupação com a emancipação das pessoas das opressões que sofre – e internaliza. Além disso, ver o *Trans-lado* como um objeto estanque e delimitado incorreria também em uma série de questões que só podem ser respondidas quando se percebe seu caráter processual – é assim que se compreende a

mudança de ementas, a configuração da equipe de propositores e mesmo sua postura com as travestis, que jamais seria de “aplicação” de conteúdos ou práticas, mas antes de diálogo, negociação e um grande esforço de empatia.

O *Trans-lado* é um projeto que, desde seu princípio, significa muito mais a aprendizagem dos propositores que das participantes. É assim que, a posteriori, conseguimos identificá-lo tão fincado na fundação da narrativa, preocupado com questões autobiográficas que, para qualquer pessoa excessivamente pragmática, nada teria a ver com a transformação objetiva da realidade que as travestis vivem – a de consolidação de estereótipos preconceituosos que obliteram sua narrativa pessoal e, portanto, também seu horizonte de projetos de si. Foi com calma e parcimônia que, primeiro, buscamos aprender com elas, com a troca, algo dessa

dimensão de vida que é tão rara e tão incógnita às disciplinas escolares e acadêmicas. Somente após o contato pessoal, que nos trouxe mais nomes que conceitos, que se fez necessário o recurso à interpretação teórica.

Com esse aprendizado, eu pude retomar as minhas próprias narrativas, retornando a um episódio biográfico que marcou o projeto que construo de mim mesmo. À medida que posso ver minha própria vida por outros pontos de vista, entendo melhor os projetos possíveis e também as construções que criei na história que me move adiante. Assinalo aqui a potência dessa experiência para futuras reflexões e pesquisas mais aprofundadas, dada a vastidão da visão que fornece a variados campos, própria a dissertações e trabalhos mais extensos - que ficaria desaproveitada

caso restrita a esta monografia, o primeiro ensaio de compreensão escrita dos muitos ensinamentos que as travestis têm a oferecer à educação e à toda sociedade.

Reivindicar a soberania sobre a própria narrativa e a possibilidade de exploração de si mesmo é mais que empatia por uma população oprimida; é a certeza de contribuir para que a dignidade humana seja sempre o princípio fundamental que nos guia seja qual for a vereda em que nos projetamos.

Referências

- BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- DELORY-MOMBERGER, Christine. *A condição biográfica: ensaios sobre a narrativa de si na modernidade avançada*. Natal: EDUFRN, 2012.
- _____. *Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto*. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.
- DÍAS, Belidson. Entre Arte/Educação multicultural, cultura visual e teoria Queer. In: BARBOSA, Ana Mae (org.). *Arte/educação contemporânea: consonâncias internacionais*. São Paulo: Cortez, 2005.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- GERMAN, Tomás (org.) et al. *Translado: narrativas trans da Av. Pedro II*. Belo Horizonte: Favela é Isso Aí, 2018.
- GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal na pedagogia social. In: *I CONGRESSO INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA SOCIAL*, 2006, Proceedings online. Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000092006000100034&lng=en&nr-m=abn>. Acesso em: 03 Julho 2018.
- MISKOLCI, Richard. *Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

